

Ministério

MAI-JUN · 2021

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 17,13



A SERVIÇO DO MUNDO

Desafios e oportunidades para o trabalho pastoral na sociedade pós-coronavírus

Entre a interpretação apocalíptica e a especulação política + Por que muitos cristãos não aceitam Ellen White?
A estratégia de Cristo para fazer discípulos + No tribunal divino + A saúde mental do pastor e a pandemia



MKT CPB | Adobe Stock

QUE LÊ JUNTO,

CRESCER JUNTO.



DE 7 A 13 DE JUNHO

**SEMANA
DE OFERTAS**

ATÉ 70% OFF

FRETE GRÁTIS PARA TODO O BRASIL

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o
aplicativo
CPB





10

10 Diante dos olhos
Tadeu J. Silva Filho
O ministério pastoral e o mundo pós-coronavírus

14 Rede de salvação
João Renato Alves
A estratégia de Cristo para fazer discípulos para o reino de Deus

18 Dom sob suspeita
Fernando Dias
Por que muitos cristãos não aceitam o ministério profético de Ellen White?

21 Antídotos contra o estresse
Marlon Robinson
A saúde mental do pastor e a pandemia

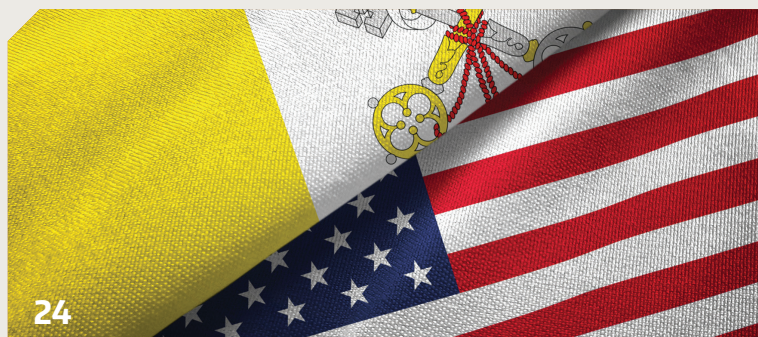
24 Cenário do fim
Jonatas Leal
Entre a interpretação apocalíptica e a especulação política

28 No tribunal divino
Eduardo Rueda
Contribuições do Antigo Testamento para a compreensão de 1 Pedro 4:17



21

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 27 Ponto a ponto
- 32 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 93 – Número 555 – Mai/Jun 2021
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Nerivan Silva
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Rudall30 / Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goa; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Evaldino Ramos; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 83,30
Exemplar Avulso: R\$ 17,13



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.

- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

ENTRE DOIS MUNDOS

No início da década de 1990, professores de liderança estratégica do Army War College, nos Estados Unidos, apresentaram um conceito que ao longo do tempo saiu dos limites da academia militar e alcançou o ambiente de negócios, chamado “mundo VUCA”. Diante das transformações geopolíticas resultantes do período pós-Guerra Fria, eles perceberam que o mundo passou a ser mais volátil, incerto, complexo e ambíguo. Essa parece ter sido a realidade nos últimos 30 anos, até que veio a pandemia do novo coronavírus e transtornou a ordem das coisas.

Nesse novo cenário, organizações e líderes foram chamados a refletir sobre sua maneira de enxergar o mundo. Entre aqueles empenhados nessa tarefa, está o antropólogo norte-americano Jamais Cascio, que sugere outro acrônimo para caracterizar a situação atual, o mundo BANI: *brittle* (frágil), *anxious* (ansioso), *nonlinear* (não linear) e *incomprehensible* (incompreensível). Em seu artigo “Facing the Age of Chaos” (2020), ele explica o sentido de cada termo.

O autor afirma que “fragilidade é força ilusória. [...] Um sistema frágil em um mundo BANI pode estar sinalizando o tempo todo que é bom, forte e capaz de continuar, mesmo que esteja à beira do colapso”. Essa condição “ilusória” gera uma atitude ansiosa, e “a ansiedade carrega consigo uma sensação de impotência, um medo de que não importa o que façamos, sempre será a coisa errada”.

Por sua vez, “em um mundo não linear, causa e efeito são aparentemente desconectados ou desproporcionais”. Assim, “pequenas decisões resultam em consequências massivas, boas ou más. E enormes esforços geram poucos resultados”. Finalmente, “tentamos encontrar respostas, mas as respostas não fazem sentido”. Nessa realidade, “mais dados – até mesmo *big data* – podem ser contraproducentes, sobrecarregando nossa capacidade de entender o mundo, dificultando a distinção entre ruído e sinal.”

Podemos não concordar com todas as ideias de Cascio, mas devemos reconhecer que suas observações merecem atenção. Se, em linhas gerais, a caracterização do mundo BANI estiver correta, quais seriam os impactos sobre a igreja e sua missão?

Devemos levar as pessoas a enxergar, conhecer e desejar a eternidade.

Embora seja difícil apresentar respostas definitivas, é possível buscar princípios da Palavra de Deus para nortear nossas ações nesse contexto desafiador.

Para uma sociedade frágil, emocional, social e estruturalmente, precisamos apontar a força que vem de Deus. As vulnerabilidades são muitas, mas o Senhor promete ser “nosso refúgio e fortaleza” (Sl 46:1). As condições podem ser adversas, e as respostas para as inquietações contemporâneas podem ser inadequadas, mas “de eternidade a eternidade”, Ele é Deus (Sl 90:2).

Para um mundo ansioso, impotente diante de problemas cada vez mais difíceis, devemos apresentar Aquele que diz: “Venham a Mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e Eu os aliviarei” (Mt 11:28). É Cristo quem nos ensina a não andar ansiosos por coisa alguma, mas a buscar o reino de Deus e Sua justiça, crendo que todas as nossas necessidades serão supridas Nele (Mt 6:25-34).

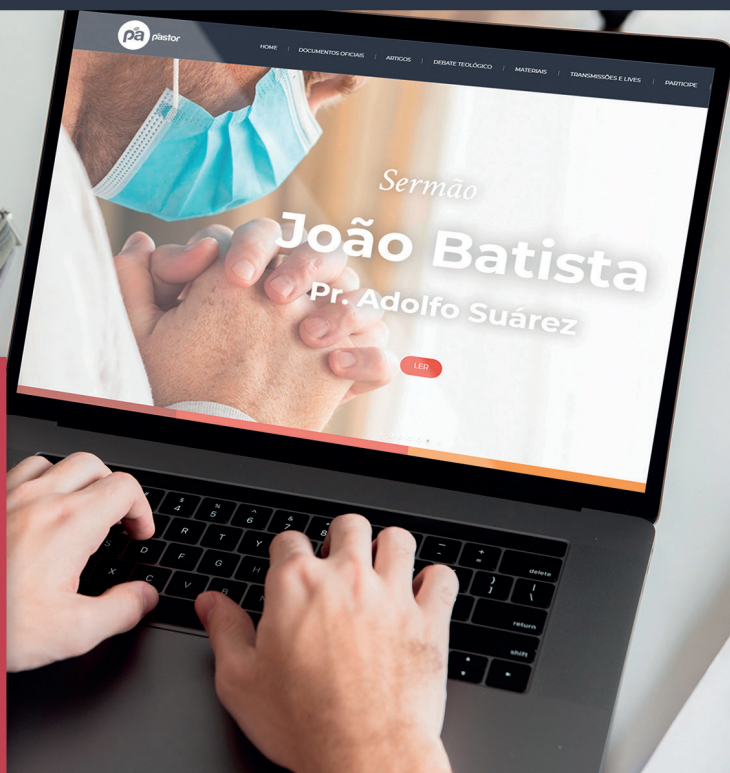
Para um ambiente instável, precisamos mostrar que no Senhor temos a estabilidade de que precisamos. Afinal, Ele é a Fonte de todo conhecimento (Dn 2:20), Aquele que está disposto a nos dar sabedoria generosamente (Tg 1:5) e indicar o caminho que devemos seguir. “Quando vocês se desviarem para a direita ou para a esquerda, ouvirão atrás de vocês uma palavra, dizendo: ‘Este é o caminho; andem nele!’” (Is 30:21).

Para um cenário repleto de informações, mas confuso sobre o que fazer com elas, devemos destacar o fundamento da verdade, assim como ela é em Jesus (Jo 17:17). É o crivo da revelação divina que nos ajudará a ler o mundo adequadamente e interpretá-lo, de maneira que nossas ações reflitam sua perspectiva de passado, presente e futuro (2Tm 3:16, 17).

Enfim, devemos levar as pessoas que vivem no mundo BANI a enxergar, conhecer e desejar o mundo eterno. **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério



Novos conteúdos

Artigos teológicos

Artigos práticos

Sermões

Documentos oficiais

Revista Ministério

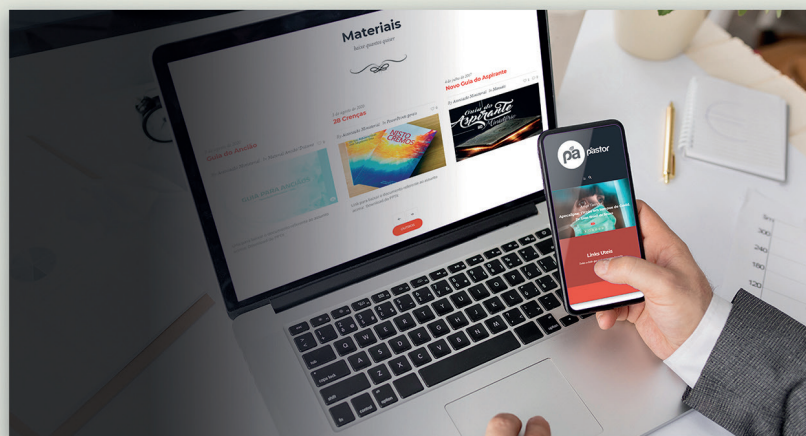
Revista do Ancião

Revistas teológicas

Recursos infográficos

Podcast
7cast

E muito mais



PORTAL DO PASTOR E DO ANCIÃO

Este portal renovado oferece ferramentas e recursos úteis para ministérios em várias áreas para facilitar a comunicação dentro da Divisão Sul-Americana. Novas ferramentas modernas e simples serão constantemente adicionadas ao Portal.



Fale conosco

pastor.adventistas.org/pt | pastor.pt@adventistas.org

[f](#) [@pastoradventista](#)

[t](#) [@PastorAdv](#)



FÉ, RESILIÊNCIA E ESPERANÇA

Há mais de um ano estamos sofrendo com uma pandemia que atinge todos os aspectos da vida, incluindo a maneira pela qual enxergamos a atuação de Deus em meio a tudo isso. São dias dolorosos, cansativos e carregados de medo e ansiedade. Para piorar, estamos nos separando de familiares e amigos que foram ceifados pela morte, e preocupados com aqueles que se encontram em situação delicada.

As circunstâncias suscitam a pergunta: Onde se refugiar e como reagir diante desse quadro tão angustiante? A Bíblia apresenta histórias com as quais nos identificamos, que nos ajudam a encontrar esperança além da dor. Gostaria de refletir a respeito de um homem de fé que passou por algumas experiências muito parecidas com as que temos enfrentado. Estou me referindo a Jó.

Tudo estava bem. Seus negócios prosperavam (Jó 1:3), seus filhos eram saudáveis e espiritualmente sensíveis (v. 5) e ele parecia não ter qualquer problema de saúde. Além disso, era um homem virtuoso, “íntegro e reto, temia a Deus e se desviava do mal” (1:1).

Infelizmente, porém, sua vida mudou de forma trágica e inesperada. Seus bens foram saqueados e destruídos (1:15-17), seus dez filhos morreram (1:18, 19) e, como se não bastasse, Jó foi coberto por “tumores malignos, desde a planta do pé até o alto da cabeça” (2:7). Em diálogos com seus “amigos”, ele descreveu os efeitos dessa enfermidade: isolamento social (2:8), deterioração física (7:5), pesadelos (7:14), perda de peso (16:8), cheiro repugnante (19:17) e ossos ardendo como fogo (30:30).

Muitas das provações que experimentamos são tentativas covardes do inimigo para nos levar a ver o Senhor como Ele não é; ou seja, alguém insensível e indiferente ao nosso sofrimento. Satanás não quer apenas causar dor, ele também quer distorcer nossa percepção a respeito de Deus nos dias mais escuros de nossa vida. No fogo da aflição, Jó fez 16 perguntas ao Senhor e se queixou 32 vezes, demonstrando

Muitas das provações que experimentamos são tentativas covardes do inimigo para nos levar a ver o Senhor como Ele não é.

toda a plenitude de sua humanidade, e inclusive amaldiçoando o dia de seu nascimento (3:3).

Hoje, milhares de pessoas estão desempregadas, internadas, doentes ou enlutadas. Infelizmente, minha família foi vítima da parte mais cruel desse vírus. Perdi pessoas próximas a mim, mas não perdi a esperança, porque, à semelhança de Jó, “eu sei que o meu Redentor vive e por fim Se levantará sobre a Terra” (19:25). Tudo ao seu redor pode estar destruído, mas Cristo vive, e isso faz toda a diferença!

No livro de Jó, o Senhor permanece em silêncio na maior parte do tempo. Isso, contudo, não significa que Seus olhos e ouvidos estejam distantes da realidade humana; pois o silêncio de Deus não é sinônimo de Sua ausência. A partir do capítulo 38, o Senhor faz 72 perguntas, todas referentes a Seu poder criador, e Jó não consegue responder nenhuma delas. Ele simplesmente diz: “Sou indigno. Que Te responderia eu? Ponho a mão sobre a minha boca” (40:4). Além de enfatizar Deus como Criador que pode restaurar tudo que perdemos, o livro de Jó apresenta curiosamente a imagem de um cordeiro no início (1:5) e no fim (42:8), talvez para nos lembrar de que Ele também é nosso Salvador.

No Novo Testamento, Paulo afirma: “Aquele que não poupou o Seu próprio Filho, mas por todos nós O entregou, será que não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas?” (Rm 8:32). Na cruz temos a certeza do quanto Deus nos ama. Por isso, quando você passar por perdas, lembre-se: “Na vida futura, os mistérios que aqui nos inquietaram e desapontaram serão esclarecidos. Veremos que as orações na aparência desatendidas e as esperanças frustradas têm lugar entre as nossas maiores bênçãos” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 474). **TM**



LUCAS ALVES

secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

PREGAÇÃO ON-LINE EFETIVA

por Walter Steger



A grande necessidade de utilizar as plataformas on-line para a nutrição espiritual dos membros da igreja e o evangelismo tem exigido dos pastores dedicação e criatividade além do normal. Nesta entrevista, o pastor **Daniel Bosqued**, idealizador dos vídeos intitulados “La verdad en dos minutos”, compartilha um pouco de sua experiência na criação de conteúdos para a internet.

Nascido na Espanha, Daniel Bosqued é graduado em Enfermagem, Psicologia e Teologia, área em que tem um doutorado pela Universidade Adventista del Plata. Ele foi pastor distrital, líder de jovens da União Espanhola, e professor e diretor de pós-graduação da Faculdade de Teologia da UAP. Atualmente é o reitor do Campus Adventista de Sagunto, em sua terra natal. Casado com Maijo Roth desde 2008, o casal tem duas filhas.

Como tem sido sua experiência com a pregação e o evangelismo por meios virtuais?

Minha primeira experiência com evangelismo por meios virtuais foi com a série “La verdad en dos minutos”, há mais de dez anos. Tudo começou com um vídeo que permitisse, de alguma forma, apresentar a doutrina

adventista de maneira resumida, e que pudesse ser facilmente compartilhado.

Numa época em que não existia WhatsApp, Instagram ou *stories*, essa iniciativa foi um sucesso porque os vídeos começaram a ser compartilhados organicamente com muita facilidade. Vimos que o formato de mensagem curta, direta e objetiva poderia ser útil para “resumir” as verdades bíblicas para uma disseminação mais ampla. Foi assim que surgiu a ideia de fazer gradualmente mais vídeos. Dessa maneira, lançamos 15 vídeos que tocaram a vida de muitas pessoas.

Minha experiência a esse respeito é muito especial. Isso me permitiu entrar em contato com pessoas de todo o mundo que me escrevem nas redes sociais e me falam sobre seus problemas, a importância que a Bíblia tem em sua vida e o quanto apreciam as mensagens.

A segunda fase veio por meio de pregações e semanas de oração que começaram a ser compartilhadas na internet. Antes, um pastor pregava um sermão para sua igreja e talvez pudesse compartilhá-lo em outra ocasião com alguma outra congregação. Mas com a retransmissão e divulgação dos serviços no YouTube, o impacto tem sido exponencial.

Como a pregação adventista foi afetada pela pandemia, em termos de mídia, formato e assunto?

Além do aumento na divulgação de cultos e pregações nas redes sociais, o formato de vídeos gravados e seminários por meio do Zoom se espalhou como nunca antes. Nesse contexto, a transmissão na web se confunde com o imediatismo de um evento ao vivo.

A pandemia marcou uma mudança qualitativa e irreversível no uso das redes sociais como estratégia de evangelização.

Acredito que a pandemia marcou uma mudança qualitativa e irreversível no uso das redes sociais como estratégia de evangelização e cuidado espiritual dos membros.

Quanto ao conteúdo, por um lado, houve um renovado interesse por estudos proféticos e escatológicos; por outro lado, houve também um aumento considerável na apresentação de mensagens de esperança, diante da situação complicada em que vivemos. Nesse sentido, acredito que a pregação adventista é mais relevante do que nunca, porque combina perfeitamente os dois elementos.

Quais são as vantagens e desvantagens da pregação e do evangelismo virtuais?

Para começar, acredito que a presença física é *insubstituível*. No entanto, também é verdade que o alcance da mídia digital nos permitirá chegar mais longe e mais rápido com a mensagem adventista nesta geração. Por isso, uma das vantagens da evangelização virtual é sua capacidade de difusão. Um vídeo pode dar a volta ao mundo em 24 horas. A mensagem pode literalmente chegar ao último canto da Terra como nunca antes.

Outra vantagem é que as pessoas podem escolher entre muitas fontes diferentes. Podem ser alimentadas com variados seminários, mensagens, aulas virtuais, entre outras. Nunca houve tanta informação teológica ao alcance de um clique.

No entanto, também existem vários desafios. Em primeiro lugar, pode diminuir o compromisso dos membros com a frequência à igreja e a participação em programas presenciais. Assim, a identidade do crente como membro de uma igreja local pode ficar confusa. Além disso, um volume tão elevado de dados pode gerar certa “infoxicação”, pois literalmente não temos tempo para processar tantas opções, tantos serviços, cursos, seminários, palestras e conferências. Finalmente, a universalização das redes sociais permite que alguns personagens tenham uma audiência que em circunstâncias normais não teriam. Ou seja, a internet fornece uma plataforma para todos os tipos de mensagens, inclusive distorções teológicas, movimentos independentes e teorias da conspiração.

De que maneira a mensagem adventista pode ser mais contextualizada e criativa para alcançar a mentalidade pós-moderna, sem perder sua essência?

Façamos nosso melhor para nos comunicar, exploremos outros formatos de pregação e tenhamos a intenção de compartilhar nossa doutrina singular de maneira que seja relevante e agradável às pessoas.

Acho que temos que melhorar nossa maneira de “contar” a mensagem. Jesus não apresentou uma “teologia” como a entendemos hoje. Ele se dedicou a contar histórias impregnadas pelo evangelho. Acredito que em um mundo saturado de pregação, seminários e bate-papos na internet, devemos ser capazes de nos diferenciar, contando a verdade bíblica de maneira que alcance mais pessoas. Sei que a igreja está fazendo grandes esforços a fim de criar filmes e séries cristãos que alcancem todos os lares com nossa mensagem, e acho que esse é um bom caminho.

Outra maneira é por intermédio da vida dos próprios cristãos. Atualmente muitas pessoas não seguem “instituições” ou “marcas”, seguem pessoas, os influenciadores. Acredito que os membros individualmente podem fazer muito pelo evangelho *vivendo* a mensagem e *compartilhando-a* em suas redes sociais. Você não precisa necessariamente passar o dia inteiro na internet, o que não é bom para ninguém, mas compartilhar experiências diárias, mensagens, reflexões que podem alcançar as pessoas.

Com tantas opções na internet, muitas delas nem sempre positivas, que conselho você dá aos pastores para aproveitar ao máximo essa ferramenta e captar o interesse das pessoas?

Devemos nos conscientizar de que não pregamos mais apenas para os irmãos que vemos nas igrejas. O público potencial para um culto, mensagem ou reflexão que disponibilizamos na internet é o planeta. Nesse sentido, é bom que façamos nosso melhor para nos comunicar, exploremos outros formatos de pregação e tenhamos a intenção de compartilhar nossa doutrina singular de maneira que seja relevante e agradável às pessoas. Quanto ao mais, devemos como sempre nos colocar nas mãos do Senhor para que Ele faça Seu trabalho, conectando a mensagem com as pessoas. **M**

DIANTE DOS OLHOS



O ministério pastoral e o mundo pós-coronavírus

Thadeu J. Silva Filho



O único fato que ficou mais tempo em posição de destaque nos veículos de comunicação do que o novo coronavírus foi a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Longa, cruel e devastadora, seu primeiro evento noticiado foi a invasão da Polônia pela Alemanha, na madrugada de 1º de setembro de 1939, seguida pela declaração de guerra da França e Inglaterra ao invasor dois dias depois, ao receberem de Adolf Hitler o silêncio como explicação para a manobra e resposta ao pedido de interrupção da invasão.

Os Estados Unidos não entraram no combate a não ser em 8 de dezembro de 1941, quando declararam guerra ao Japão, um dia depois de terem sua base naval em Pearl Harbor bombardeada por 360 aeronaves japonesas. Mesmo antes de sua participação no conflito, o país noticiou os acontecimentos da guerra desde seu início e criou, em 1942, o Office of War Information (OWI), órgão oficial de notícias e propaganda. Na Inglaterra, a BBC, e na França, a Rádio Paris, foram responsáveis por veicular, além de notícias, propagandas dos Aliados e dos países do Eixo, respectivamente.

Por seis anos, o rastro de batalhas sangrentas, milhões de mortos, economias devastadas, países dizimados e proliferação do mal foi noticiado diariamente, sem interrupção. O evento atual é de outra natureza, incomparavelmente menor em números, mas com efeitos semelhantes aos da Segunda Guerra. Estamos diante de uma pandemia que infectou mais de 120 milhões de pessoas, das quais cerca de 70 milhões se recuperaram e 3 milhões morreram.

O que é distintivo agora é que se trata de um evento de natureza biológica. Em tese, todas as pessoas do planeta podem ser infectadas, além do fato de não se saber por que alguém que se cuida pode contrair a doença, enquanto uma pessoa que não se cuida pode nem sequer manifestar sintomas. Para intensificar as percepções desse momento, os veículos de comunicação estão na palma das mãos, oferecendo volume de informação maior do que o produzido durante todo o período da Segunda Guerra. Assim, a ameaça da doença, o excesso de informação e a falta de estrutura de atendimento formam as causas do pânico que assombra o mundo desde o fim de 2019 e trazem consigo atenção, reflexão e oportunidades para o ministério pastoral.

Impactos do distanciamento

Um dos principais problemas no combate à Covid-19 é que sua transmissão ocorre pela proximidade, e não sabemos quem são os pré-sintomáticos e assintomáticos. Essa “loteria biológica” isolou a todos, instalou o problema e segue ameaçando a vida, que depende dos relacionamentos. Vida familiar, profissional, social e religiosa ocorrem na coletividade.

Essa falta de convívio se torna extremamente grave quando significa não trabalhar. A quantidade de desempregados resultante da pandemia é assustadora. Uma pessoa sem trabalho pode privar várias outras de comida e moradia em pouco tempo. Desamparo material, necessidades básicas desatendidas, sofrimento e desespero são subprodutos imediatos do desemprego, que se tornam ainda maiores em um quadro de infecção iminente.

Em situações críticas como a da pandemia, é grande a tentação de achar que as necessidades materiais e emocionais sejam as únicas ou as mais urgentes a ser atendidas.

Para quem vai à igreja regularmente adorar a Deus e clamar por causa da fragilidade humana, reunir-se significa conversar com quem passa por problemas semelhantes, ser animado por uma congregação que canta e amparado por irmãos que oram, olhar nos olhos daqueles por quem intercedem, conhecer pessoas que precisam de ajuda, desfrutar da segurança existencial que só a personalidade é capaz de proporcionar e, acima de tudo, ver-se pertencendo a um povo que tem a mesma esperança. Estar privado disso é perder a face imaterial da existência, a que alegra e dá sentido à vida. A tristeza cresce muito com o isolamento, e essa pandemia acentuou isso também.

Nos lugares em que o vírus tem feito mais vítimas, a restrição da circulação é ainda maior, e o trânsito de pessoas só é permitido para comprar produtos e serviços considerados essenciais, desde que não haja aglomerações. Sem encontros, conversas e trocas de opiniões, a vida fica exclusivamente nas mãos da pessoa, e isso é pesado demais para nossa saúde mental. Não conviver significa perder gradativamente as certezas e a confiança, podendo chegar a uma indiferença perversa em que viver ou morrer parecem ser a mesma coisa. Solidão, perda de amparo e confirmação geram isso.

E se fome, isolamento e desamparo não fossem suficientes para transtornar a vida

de milhões de pessoas, aumentaram os casos de amigos que se tornaram inimigos por causa de discussões político-ideológicas e de famílias que vivenciam o drama da violência doméstica, sem ter para onde ir. A humanidade passa por um momento delicado.

Multiplicidade de vozes

A outra causa para os transtornos provocados pela pandemia é a informação massiva sobre o assunto. Estamos na fase mais comunicacional da história, com um número enorme de pessoas conectadas à rede mais potente e agregadora já inventada. Contudo, essa comunicação possui características perturbadoras. Como arena pública, a internet iguala os falantes, fazendo com que a confiabilidade de uma pessoa ou organização não lhes garanta mais audiência do que a outros menos conhecidos.

Além disso, os dados são incontáveis e de fácil acesso, tornando-se impossível comprovar sua veracidade. As *fake news* se valem exatamente disso para angariar credibilidade.

Esse volume incontável de dados também lança sobre as pessoas uma carga desumana de informação, testando a capacidade de absorvê-los e de formar, a partir deles, uma imagem condizente com a realidade.

Por fim, as informações nem sempre são compatíveis entre si, com especialistas de um mesmo campo do conhecimento emitindo afirmações diametralmente opostas sobre um mesmo fato.

A pandemia do novo coronavírus tem esses quatro aspectos. Como processar essa quantidade de dados? Há afirmações científicas convincentes nos vários pontos de vista; qual delas é a verdadeira? Em quem acreditar? São tantas vozes, e tão diferentes entre si, que é difícil confiar plenamente em uma, por haver contradição entre elas, ou dar ouvido a todas.

Como resultado, os danos psicológicos causados por essas características da informação são extensos. Não à toa, a quantidade de casos de insônia, depressão, síndrome do pânico e outras perturbações emocionais são crescentes. Gente sem o vírus, mas perturbada, é um indicador do mal que a alta dose de informação desesperante está gerando.

Efeitos da pandemia

A pandemia do novo coronavírus é um daqueles eventos capazes de mudar o modo de enxergar a vida e, portanto, de se posicionar diante dela. Há outros, como mudança geográfica, alteração no padrão financeiro, conversão religiosa e catástrofe. Isso acontece porque esses eventos mudam rapidamente o dia a dia, levando as pessoas a repensar o que é ou não importante na vida. À sua maneira, cada um consegue, por exemplo, levar indivíduos a ver como certo o que antes era errado, como piada o que era óbvio, os sofrimentos mais fortes da vida como somente uma fase, uma pessoa até então importante como uma entre outros tantos conhecidos. Eles são capazes de mudar o grupo de amigos, o núcleo das conversas, os interesses principais, a utilidade do dinheiro, o valor do tempo e o significado de viver.

Contudo, o que chama atenção no caso da atual pandemia é a altíssima velocidade dessa reinterpretção, e o fato de ela ser feita por muita gente ao mesmo tempo. Assim, ela já causa os seguintes efeitos que dizem respeito à vida da igreja, com a tendência de ser acentuados.

Aprimora e desenvolve a tecnologia. Eventos como a pandemia aprimoram processos e levam à criação de novidades que modificam o funcionamento de outras coisas não diretamente ligadas a eles. Essas invenções são rapidamente incorporadas por uma faixa pequena da população, chegando às demais com o passar do tempo, o que amplia o abismo entre esses grupos.

Expõe o que estava escondido e o naturaliza. A sensação de caos instalada por um evento como a pandemia extravasa um mar de sentimentos e ideias antes retidos no equilíbrio da normalidade. Eles não só alimentam a sensação de desordem como alegam que as coisas serão de uma nova maneira. Isso é o que chamam de “novo normal”.

Lembra que as pessoas são diferentes. A pandemia nos lembrou de que estamos sob a mesma tempestade, não no mesmo barco.

Cria uma forte barreira a projetos de longo prazo. A mensagem de que a vida é agora e não pode esperar tem ecoado com muita força. Se já estava difícil levar adiante projetos de longo prazo ou de resultados demorados, eles tendem a ficar cada vez mais raros, desacreditados e vistos como péssima relação custo-benefício.

Confirma a face de tribunal social da internet. Durante a pandemia, as discussões nas redes sociais passaram a conviver mais fortemente com crítica, julgamento e condenação. Diferentemente dos do sistema jurídico, os crimes das redes sociais são próprios e não escritos, capazes de condenar socialmente sem que as pessoas saibam que suas falas estão registradas em um tribunal de muitos juízes e em ambiente de alto grau de desumanização.

Amplia a pobreza. Os danos causados à economia da maioria dos países levaram milhões de pessoas ao desemprego e fecharam centenas de milhares de empresas. Durante muito tempo, uma parte expressiva da população precisará de muita ajuda material.

Aumenta a busca de sentido. A outra grande falta será a de sentido da vida, compreender a origem, o trajeto e o destino próprio. Se antes isso já era raro de se encontrar, a multiplicidade de vozes e o senso de finitude disponibilizaram uma quantidade tão grande de opções que se relativiza todas. Mas o vazio continua lá, levando uma multidão de pessoas de um lado a outro em busca de uma razão para viver.

Fragmenta os grupos. A “loteria biológica” da pandemia e as dificuldades de sustentar material e emocionalmente muitas pessoas confirma a ideia antiga de o indivíduo ser o centro vida. A lógica de “quanto menos gente, menos sofrimento” coloca o eu no centro absoluto da existência, como o único a merecer atenção, sustentando-o por ideais egoístas. Esse processo diminui o tamanho das famílias e torna as instituições mais desacreditadas. Assim, enfraquece as certezas e isola pessoas dentro de casa como uma espécie de refúgio num mundo sem coração.

O que fazer?

Humanamente, é impossível acompanhar todas essas mudanças, e ainda mais utópico querer resolvê-las definitivamente. O que há, então, a ser feito? O ministério pastoral tem grande relevância, se permanecer fiel ao chamado de dar ao mundo o que só ele pode dar. Talvez, três palavras ajudem a explicar o que os pastores podem oferecer a uma sociedade cada dia mais abatida: pão, presença e Palavra. Simples e, ao mesmo tempo, complexo.


O pão indica as necessidades materiais (comida, roupas, abrigo, cuidado). A presença representa atenção, proximidade, companhia e interesse pelo bem-estar integral das pessoas. Finalmente, a Palavra expressa o compromisso de anunciar o evangelho, esclarecendo dúvidas a respeito da Bíblia, proclamando o conforto, paz e esperança que só Deus consegue dar e mostrando que Jesus em breve virá para acabar com essa realidade de pecado.

Em situações críticas como a da pandemia, é grande a tentação de achar que as necessidades materiais (pão) e emocionais (presença) sejam as únicas ou as mais urgentes a ser atendidas. Não! A Bíblia é imprescindível nesse momento. É ela que mostra ao ser humano o valor que Deus lhe confere. É ela que coloca nossos interesses terrenos à luz da perspectiva divina e nos lembra dos novos céus e da Nova Terra.

É ela que mantém diante de nossos olhos a promessa de que Cristo em breve virá.

No contexto em que vivemos, o ministério pastoral é chamado para aumentar a proximidade e a pessoalidade por meio do pão, da presença e da Palavra. Esses são os recursos que a Bíblia proveu para lidarmos com a sensação de desordem, desespero e desamparo que há no mundo. Isso pode ser feito de modo pessoal, coletivo e institucional. O modo pessoal é o mais célere: cada pessoa é um agente de salvação, podendo servir o próximo instantaneamente doando sangue, compartilhando roupas, distribuindo cestas básicas, ensinando a Bíblia, ouvindo pessoas e outras tantas ações de serviço e salvação que podem ser feitas. O modo coletivo também cumpre papel relevante, mas requer mais tempo e organização. E o modo institucional, que lida com ações organizadas pela igreja, demanda mais recursos humanos, financeiros e logísticos e atende situações mais complexas, que indivíduos ou grupos locais não conseguiriam suprir.

Enquanto Cristo não vem, o ministério pastoral supre as necessidades dos filhos de Deus com pão, presença e Palavra, de modo pessoal, coletivo e institucional, inspirando e mobilizando os membros da igreja a fazer o mesmo. A simpatia demonstrada por meio de ações de solidariedade torna o coração de quem é ajudado receptivo à salvação; elas serão cada vez mais necessárias no mundo pós-pandemia. Esse é o estilo de vida dos salvos, daqueles que esperam Jesus voltar.

Isso resolve todos os problemas? Não! Mas mantém diante das pessoas a certeza de que Cristo continua presente, cuidando de Seus filhos. Essa é a vocação do ministério, bem diante dos nossos olhos. 

THADEU J. SILVA FILHO

diretor do Departamento de Arquivo, Estatística e Pesquisa da Igreja Adventista para a América do Sul



REDE DE SALVAÇÃO

A estratégia de Cristo para fazer discípulos para o reino de Deus

João Renato Alves



Cristo foi enviado com objetivos bem estabelecidos (Jo 5:36-38; 8:42; 12:49, 50). Durante três anos e meio de ministério com o foco em pessoas, Ele avançou tendo em vista “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10; ver Mt 8:11). Ao ser batizado, o Mestre iniciou Sua obra pública e, logo após a Sua mudança para Cafarnaum, escolheu para Si doze homens que desfrutariam de Sua comunhão, aprendendo diretamente Dele, sobre Seu reino, como vivê-lo, propagá-lo, multiplicá-lo e aguardá-lo (Mc 3:13-19; 4:11, 26, 14:25).

Diante disso, desejo analisar o relacionamento de Jesus com Seus doze discípulos mais próximos. Depois, apresentar Sua ministração às multidões, bem como o envio dos doze e dos setenta para cumprir a missão. E, por fim, mostrar a rede de discipulado implantada por Cristo.

Relacionamento com os doze

Jesus passou uma parte expressiva de Seu ministério com os doze discípulos. Conviveu com eles em casa, em lugares reservados e durante viagens (Mt 13:36; Mc 4:10-12, 35-41; 6:1; 7:17; 9:33; 11:11; 8:13, 14; Lc 11:1). Tendo em conta que, “eram muitos os que iam e vinham e nem tinham tempo para comer”, Jesus também separava momentos de descanso e lazer com esses discípulos (Mc 6:30, 31). O Mestre dedicava tempo para estar com eles, pois sabia que deveria estabelecer uma forte base de liderança discipuladora, que em breve passaria a viver, transmitir e reproduzir o que haviam aprendido pessoalmente com Ele.

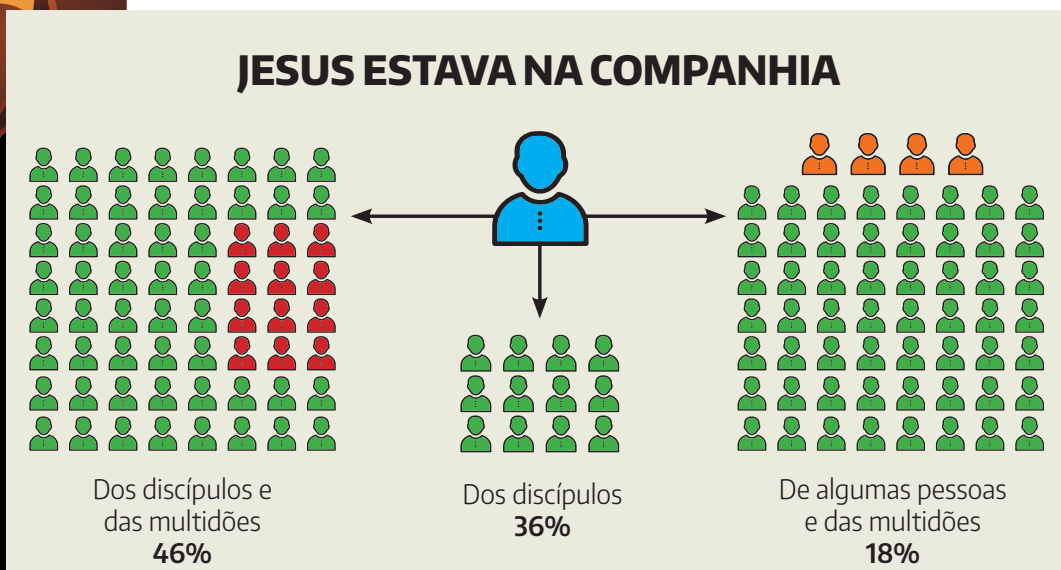
Jesus fazia discípulos em todos os lugares. Não havia um lugar específico nem um ambiente separado para isso. Ele discipulava caminhando, comendo, evangelizando, viajando, ensinando, curando, descansando, pregando, pescando, visitando ou aconselhando.¹ Tudo era propício para discipular. Os doze se encontravam com o Mestre e, com Ele, aprendiam como se aproximar das pessoas, atendê-las em suas necessidades e conquistá-las para o reino.

Ao analisar os 143 eventos do ministério de Jesus apontados pelo *Comentário Bíblico Adventista*,² a partir da vocação dos

discípulos até a Sua ascensão aos Céus (Mt 4:18-22; Lc 24:50-53), vemos que, possivelmente, Jesus tenha estado na companhia dos doze discípulos em mais de 80% dos eventos registrados nos evangelhos. Destes, é indicado que em 36% Cristo se encontrava exclusivamente com os doze ou com alguns dos discípulos mais próximos, Pedro, Tiago e João. Já em 46% dessas ocasiões, Cristo estava com as multidões ensinando, curando e admoestando, e os discípulos estavam com Ele (Lc 12:1-59; 14:25-33). Nos outros 18%, o Mestre aparece na companhia de algumas pessoas ou das multidões (veja o box abaixo). Por exemplo, pode-se mencionar o relato de Mateus 9:27 a 34 em que Jesus, estando em casa, atendeu dois cegos e às multidões. Esses dados coletados são apoiados por Dave Ferguson e Warren Bird, que chegaram a conclusões semelhantes.³

Ministrando às multidões

Entre as multidões, Jesus tomava tempo para ensinar, curar e ouvir cada pessoa que se aproximava Dele, independentemente da condição em que esta se encontrava. Para Cristo, todos eram objetos de Seu amor e salvação. Enquanto o Mestre conquistava a confiança das pessoas, os



discípulos aprendiam como alcançar o coração delas (Mt 15:29-39; 17:14-23; 19:1-12).

Simultaneamente, dois movimentos aconteciam no ministério de Jesus. Ele ministrava às multidões, levando-as a produzir novos discípulos, e treinava cuidadosamente os doze, preparando-os para viver e multiplicar os princípios do reino de Deus. Assim, os discípulos estavam destinados a produzir frutos que deviam permanecer não apenas no presente, mas ao longo da história, até o segundo advento de Cristo.⁴

Envio mentoreado

Vendo Jesus que as multidões estavam aflitas e exaustas como ovelhas sem pastor, e percebendo que os doze estavam sendo transformados por meio da convivência diária com Ele, chamou os discípulos e os enviou de dois em dois às cidades, aldeias e povoados para reproduzirem o que haviam aprendido Dele até aquele momento (Mc 6:7).

Eu chamo isso de “envio mentoreado por Cristo.” Ao enviar os discípulos, Jesus disse: “Por onde forem, preguem esta

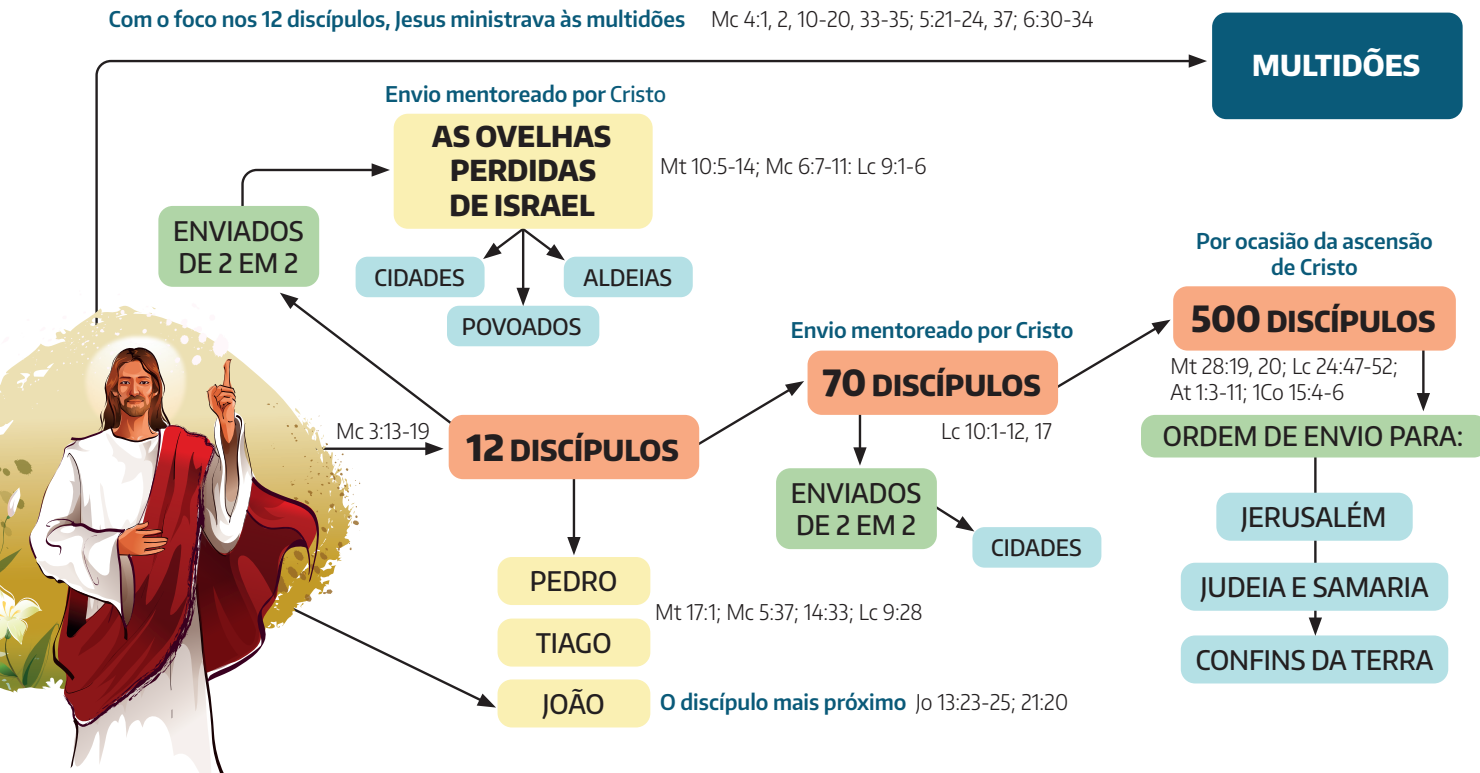
mensagem: O Reino dos Céus está próximo. Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; deem também de graça” (Mt 10:7, 8, NVI). Além disso, Ele mostrou que a evangelização poderia não ser fácil, pois os discípulos estavam sendo enviados como ovelhas para o meio de lobos, e deveriam ser simples como as pombas e prudentes como as serpentes (Mt 10:16). Cristo os fez compreender que poderiam ser bem recebidos ou não; que encontrariam pessoas receptivas, mas também indivíduos indiferentes que rejeitariam a verdade. Apesar dessas adversidades, as Escrituras apresentam os resultados que eles tiveram: “Saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos” (Mc 6:12, 13).

Jesus cumpriu fielmente o propósito de buscar e salvar o perdido. Com o objetivo de fazer discípulos que formariam outros discípulos até a Sua segunda vinda, Ele os treinava para que se multiplicassem. Com o passar do tempo, o Mestre atribuía mais e mais responsabilidades aos discípulos.

Nessa escola eles harmonizavam os aspectos teórico e prático.

O número de discípulos de Jesus se multiplicou e, assim, formou uma rede de aprendizes dispostos a viver e propagar o evangelho. À vista disso, Cristo “designou outros setenta e os enviou de dois em dois, para que O precedessem em cada cidade e lugar aonde Ele estava para ir” (Lc 10:1). Semelhantemente ao envio dos doze, os setenta foram enviados por Cristo e receberam as admoestações necessárias para o cumprimento da obra. Eles deveriam curar os doentes, proclamar a mensagem e pedir ao Senhor da seara que enviasse mais trabalhadores para realizar a grande colheita (Lc 10:2, 3, 9). Ellen White comenta que “os setenta não haviam, como os doze, estado constantemente com Jesus, porém haviam muitas vezes ouvido Suas instruções. Foram enviados sob Sua direção, para trabalharem como Ele mesmo estava trabalhando”.⁵ Ao concluírem o trabalho, eles retornaram cheios de alegria e diziam: “Senhor, até os demônios se submetem a nós, em Teu nome” (Lc 10:17).

Com o foco nos 12 discípulos, Jesus ministrava às multidões Mc 4:1, 2, 10-20, 33-35; 5:21-24, 37; 6:30-34



A rede multiplicadora

Jesus percorria as cidades e aldeias ensinando, pregando, fazendo novos discípulos e curando todo tipo de doenças, e os doze iam com Ele, e também algumas mulheres (Mt 9:35; Lc 6:17-19; 8:1, 2). Por ocasião de Sua ascensão, Jesus apareceu a mais de quinhentos discípulos de uma só vez (At 1:6-11; 1Co 15:6). Ellen White comenta que em uma montanha da Galileia, ao tempo designado, esses quinhentos mais os doze estavam reunidos, ansiosos para ver o Mestre ressuscitado. Então, de súbito apareceu Cristo revestido de ilimitada autoridade entre eles e conferiu a grande comissão a todos: enquanto vocês estiverem indo, “façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.⁶

Jesus havia alcançado Seus objetivos, conseguiu resgatar o pecador da sua eterna condenação e, ao mesmo tempo, criou um movimento evangelístico discipulador que continuaria a expandir Seus propósitos.

Assim, ao analisar o ministério de Jesus, percebemos uma organização com foco na comunhão, no relacionamento e na missão. O Salvador dedicou a maior parte de Seu tempo em discipular os doze. Estes foram designados para estar com Ele e ser enviados a pregar. Nesse grupo de discípulos havia três que tinham um relacionamento mais próximo de Jesus e, entre eles, João era o mais próximo de todos. Enquanto Cristo ministrava às multidões, Seus discípulos aprendiam na prática como deveriam fazer quando estivessem à frente do trabalho. Por ocasião de Sua ascensão, Cristo reuniu quinhentos de Seus discípulos e lhes confiou a grande comissão, prometendo que estaria com eles até o fim (Mt 28:18-20).

Conclusão

Muitas pessoas querem promover o crescimento da igreja por meio de eventos e programas, mas se queremos encontrar

um caminho seguro para o crescimento saudável da igreja, a prática do ministério de Cristo deve ser nosso modelo.

A eficácia do ministério de Jesus estava concentrada nas pessoas. Com visão clara de Sua obra, Ele dedicou Sua vida ao discipulado. Assim também deve ser nosso ministério. Ellen White afirma: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com as pessoas como Alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por elas, ministrava-lhes às necessidades e conquistava-lhes a confiança. Ordenava então: Segue-Me!”⁷

Os discípulos de Cristo tinham duas características básicas: humildade para aprender e capacidade para reproduzir o ministério do Mestre. Eles eram motivados pelo mesmo objetivo de Jesus, “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Cristo desejava que eles reproduzissem em outras pessoas o que haviam aprendido com Ele. Em Seus discursos, Jesus sempre usava a expressão “assim como” (Jo 13:15, 34; 15:10, 12; 17:11, 18; 20:21). Essa expectativa do Senhor não foi somente para os primeiros discípulos de Sua igreja, mas “inclui todos os crentes até o fim dos tempos”.⁸

Nesse processo discipulador, devemos implantar um pequeno núcleo de discipulado onde iremos instruir nossos discípulos, cuidar da saúde espiritual deles, conduzi-los à salvação e, ao mesmo tempo, ensiná-los na prática como viver o cristianismo relacional e evangelístico, aproveitando todas as oportunidades para engajá-los no cumprimento da missão. Aos poucos, o aprendiz estará disseminando as verdades do reino para familiares, amigos e desconhecidos, e assim estará se multiplicando em outros, produzindo mais e mais discípulos. É provável que boa parte dos batismos não venha diretamente de um ou outro evangelista, mas de todo o grupo de discípulos discipuladores.

O discípulo deve investir tempo na formação de novos discípulos que, por sua vez, reproduzirão em outras pessoas o que

têm aprendido. Desse modo, será formada uma rede organizada de discipulado que deve ser supervisionada por discipuladores experientes.

Em tudo isso, devemos ter sempre em mente que o crescimento vem do Senhor (1Co 3:6-9). O pastor, ancião ou qualquer outro líder na igreja não devem centralizar a missão em si mesmos. É necessário discipular um grupo de pessoas, que discipularão outras pessoas e, dessa forma, todos cumprirão a missão.

De fato, o trabalho com o foco em pessoas é desgastante. Mas esse foi o trabalho de Jesus. O Salvador investiu em pessoas e ordenou que fizéssemos o mesmo até que Ele viesse pela segunda vez (Jo 14:1-3; Mt 28:18-20). Assim como nosso Senhor foi batizado pelo Espírito Santo para cumprir Sua obra, também nós precisamos ser revestidos com o “poder do alto” para cumprir nossa missão (Lc 3:21, 22; 24:49; At 1:8). Dessa maneira, se cumprirão as palavras de Cristo: “Aquele que crê em Mim fará também as obras que faço e há de fazer coisas maiores ainda” (Jo 14:12). **M**

Referências

- ¹Walmir Arantes Rosa, *Igreja Essencial: Resgatando a Essência do Evangelho no Corpo de Cristo* (São Paulo: Edição do autor), p. 43.
- ²Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), v. 5, p. 186-195.
- ³Dave Ferguson e Warren Bird, *Formador de Heróis* (Brasília, DF: Editora Palavra, 2018), p. 68.
- ⁴A. B. Bruce, *O Treinamento dos Doze* (Santo André, SP: Geográfica, 2016), p. 105.
- ⁵Ellen G. White, *Este Dia com Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1980), p. 111.
- ⁶Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 818, 819.
- ⁷Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 143.
- ⁸Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 5, p. 603.

JOÃO RENATO ALVES
pastor em Cuiabá, MT

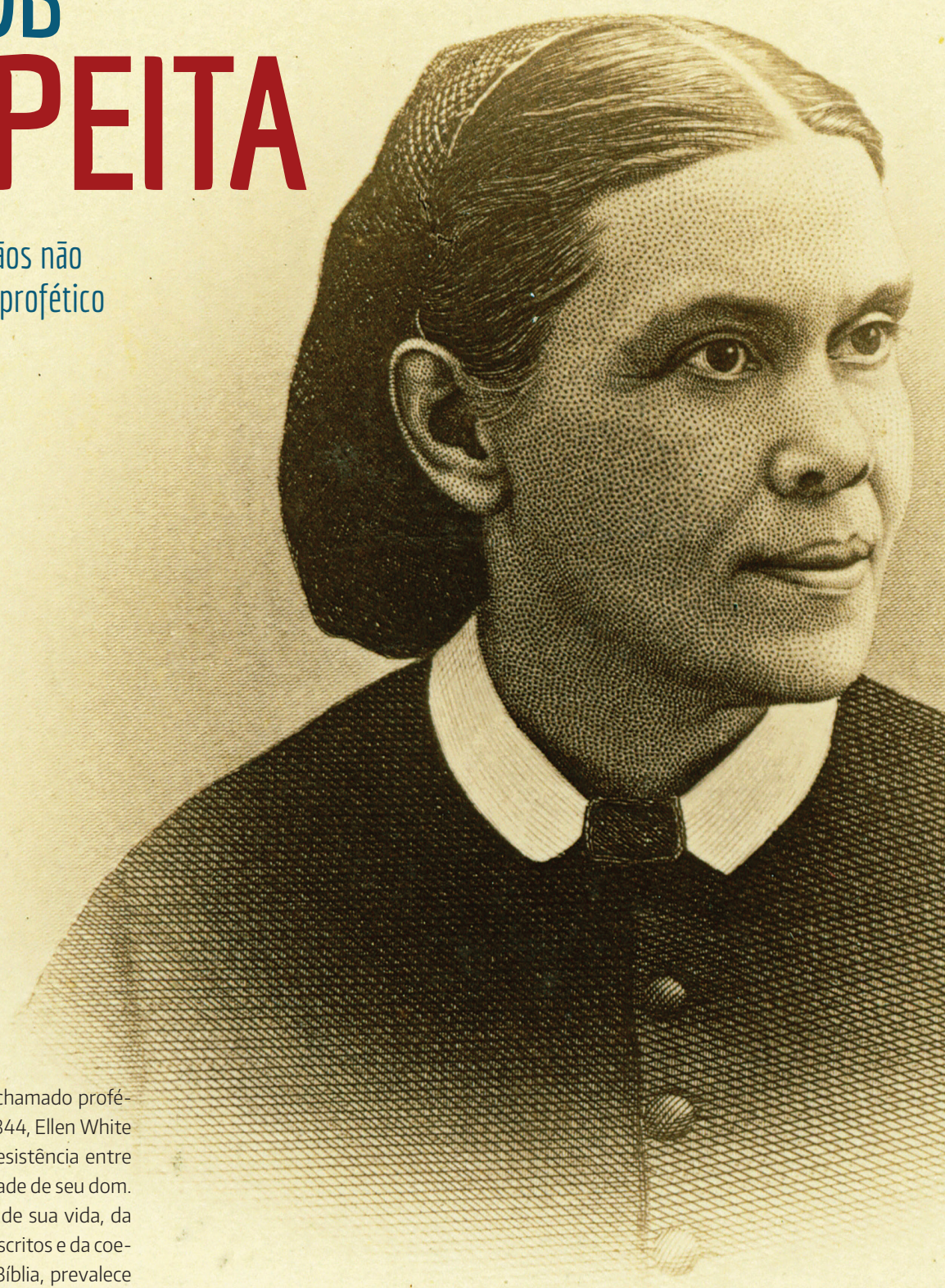


DOM SOB SUSPEITA

Por que muitos cristãos não aceitam o ministério profético de Ellen White?

Fernando Dias

Desde que recebeu seu chamado profético em dezembro de 1844, Ellen White teve que lidar com a resistência entre os cristãos à autenticidade de seu dom. Apesar do bom testemunho de sua vida, da natureza evangélica de seus escritos e da coerência de suas visões com a Bíblia, prevalece contra ela, entre muitos cristãos, a acusação de falsa profetisa. No início, a maior desculpa para desacreditar a inspiração divina de Ellen White era a crença cessacionista predominante



no meio cristão na metade do século 19. Para muitos protestantes, os dons sobrenaturais do Espírito Santo, particularmente o de profecia, cessaram após a morte do último apóstolo do Novo Testamento.

No entanto, durante o período de vida de Ellen White, despontaram movimentos cristãos com forte ênfase nos dons espirituais, incluindo o de profecia. Os movimentos irvingita, da vida mais elevada (ou de Keswick), restauracionista, de santidade, da carne santa e o pentecostalismo abriram-se para a possibilidade de manifestações carismáticas na igreja.¹ Relatos de revelações, sonhos e visões tornaram-se comuns nas reuniões cristãs.

Alguns pregadores alegaram receber revelações divinas, e suas mensagens são aceitas além de seus limites denominacionais, influenciando a teologia evangélica. Podemos citar como exemplos Margaret MacDonald (1815-1840), jovem escocesa cujas visões apresentaram o arrebatamento pré-tribulacionista; Charles Finney (1792-1874), inspiração de grandes evangelistas posteriores; Phoebe Palmer (1807-1874), a dama do segundo despertamento; e A. W. Tozer (1897-1963), autor prolífico. Esses são apenas alguns pregadores não pentecostais que alegaram receber revelações divinas e cujas mensagens são amplamente aceitas no meio evangélico.

Entre os cristãos pentecostais, sonhos, visões e revelações são plenamente aceitos, a ponto de a defesa pentecostal da continuidade dos dons² lembrar, em muitos aspectos, a defesa do dom de profecia feita pelos pioneiros adventistas. Atualmente, mesmo teólogos contemporâneos reformados, como Wayne Grudem e R. T. Kendall, admitem a continuidade do dom de profecia na igreja.³

No entanto, Ellen White praticamente não desfruta de aceitação fora dos limites do adventismo. Desde sua vocação profética em 1844, o evangelicalismo tem estado muito mais aberto à crença na continuidade dos dons, incluindo o de profecia. Por que, apesar de haver aceitação ampla

de outros pregadores cristãos que admitem receber revelações proféticas, ainda persiste a resistência quanto à manifestação desse dom no ministério dela?

Este artigo identifica cinco pontos de vista que se levantam como barreiras à aceitação de Ellen White entre o corpo maior de cristãos como uma mensageira legítima de Deus.

Segurança da salvação

O alto padrão de santidade que Ellen White apresentava em seus escritos, a ênfase na perfeição cristã e na obediência, a concepção de um juízo investigativo em andamento e a herança arminiana e wesleyana concebem uma salvação que pode ser perdida a qualquer momento. Segundo ela, o crente precisa permanecer em constante vigilância espiritual para não perder sua condição de salvo.⁴

Esse conceito é incompatível com as correntes dominantes da teologia cristã. No calvinismo há segurança da salvação porque essa é considerada uma obra exclusiva de Deus. No pentecostalismo a dotação do carisma, a segunda bênção, é garantia do favor divino. No catolicismo a participação do sacramento garante a certeza da salvação. O espiritismo e o protestantismo liberal tendem ao universalismo. Enfim, para todos esses grupos cristãos, a soteriologia de Ellen White, que admite a possibilidade de se perder a salvação, é inconveniente.

Mudança de cosmovisão

Ellen White escreveu em uma cultura vitoriana, modernista. Seu contexto religioso e sua própria produção literária tiveram influência do puritanismo, do avivalismo do segundo despertamento e do movimento de santidade, com algum reflexo e reação ao iluminismo.

Atualmente vivemos em um contexto pós-moderno, e o evangelicalismo está sob influência ecumênica e pentecostal-carismática. Essa mudança de paradigma faz com que muitas declarações de Ellen White sejam consideradas absurdas, como,

por exemplo, seus pontos de vista sobre usos e costumes, criacionismo e anticatolicismo.⁵ Mesmo alguns adventistas do sétimo dia mais inclinados ao espírito desta época têm dificuldades com algumas declarações da autora e são tentados a re-interpretar ou desprezar declarações que destoam da contemporaneidade.

Fundamentalismo

O fundamentalismo cristão, movimento surgido no começo do século passado e que tomou seu nome da obra *Os Fundamentos*,⁶ enfatiza a inspiração verbal e inerrante da Bíblia e um apego a doutrinas tradicionais do cristianismo como a guarda do domingo, a imortalidade incondicional da alma, a antropologia dicotomista (ou, em alguns casos, tricotomista) e o castigo eterno dos ímpios. Naturalmente, o fundamentalismo foi uma barreira erguida para conter a enchente do liberalismo teológico.

Ellen White sempre combateu a teologia liberal, mas muitos de seus ensinamentos não cabem na caixa do fundamentalismo.⁷ Ela jamais reconheceu a inspiração verbal das Escrituras ou sua inerrância.⁸ Tampouco aceitou a doutrina do castigo eterno dos ímpios. Aceitar o dom profético de Ellen White implica renunciar a pretensa segurança do fundamentalismo, removendo ao mesmo tempo seu modelo de revelação e alguns pilares de sua ortodoxia tradicional. É dentre os fundamentalistas que vêm os ataques mais ferozes ao dom profético da escritora.

Espiritualidade mística

Para a espiritualidade carismática de pentecostais e católicos renovados, assim como para a espiritualidade contemplativa e litúrgica de protestantes históricos e católicos tradicionalistas, a revelação divina é sempre subjetiva e mística. Ou seja, Deus Se revela ao crente que O busca por meio do êxtase carismático ou contemplativo.⁹

A experiência profética de Ellen White, porém, era objetiva e partia sempre de Deus. Essa diferença torna, à vista dos demais cristãos, extremamente pretensioso

seu dom, pois está totalmente fora do controle humano uma repetição de sua experiência.

Sincretismo

Outro fator que cria resistência à obra de Ellen White é a associação de alguns de seus pretendidos seguidores a ideias radicais que ela jamais defendeu. Alguns tentam fundamentar, a partir de trechos de seus escritos mal interpretados e mal aplicados, conceitos estranhos ao seu pensamento, como a defesa do uso exclusivo de versões bíblicas produzidas a partir do Texto Recebido (como as versões King James e Almeida Corrigida e Fiel), o veganismo, teorias de conspiração envolvendo jesuítas e sociedades secretas, a teologia da última geração, tentativas de cálculo para a segunda vinda de Cristo, o antitrinitarismo, a natureza pós-lapsariana do Cristo encarnado e o perfeccionismo. Essa amálgama do pensamento da autora com opiniões que ela nunca endossou confunde e cria rejeição ao seu ministério.

Conclusão

Ao longo dos séculos, muitos teólogos cristãos ensinaram muitas das coisas que Ellen White ensinou. Mas, na sempre crescente diversidade teológica protestante, cada um de seus segmentos define sua ortodoxia exagerando alguns pontos favoritos em reação a abusos e excessos dos outros grupos. A doutrina bíblica conforme apresentada por Ellen White não se harmoniza perfeitamente com essas tendências definidas mais pela história e pela dialética entre setores da cristandade do que pela Bíblia somente.

Por isso, apesar de relatos de experiências visionárias semelhantes às de Ellen White desfrutarem de bastante aceitação no cristianismo contemporâneo e de seus ensinamentos serem compatíveis com o que prega a maioria dos cristãos, sempre sobra alguma ênfase em cada segmento que o impede de reconhecer nela uma cristã que recebeu o genuíno dom de profecia.

São, no entanto, justamente essas barreiras que podem ser transformadas em pontes para levar a mensagem que lhe foi revelada por Deus a um público mais amplo.

Os pioneiros adventistas formavam um grupo interconfessional que estudou a Bíblia, construiu uma teologia premilenarista bíblica e se valeu das revelações dadas por Deus a Ellen White para confirmar as fórmulas consensuais que elaboraram após estudo, discussão e oração. Ao propor experiência semelhante aos cristãos em geral, conceitos e preconceitos serão derrubados em favor da Bíblia, abrindo o caminho para o reconhecimento do dom de Ellen White como um carisma do Espírito Santo à igreja contemporânea. **FM**

Referências

- ¹ Alderi Matos, "Edward Irving: Precursor do Movimento Carismático na Igreja Reformada", *Fides Reformata*, 1º semestre de 1996; J. I. Packer, *Na Dinâmica do Espírito* (São Paulo: Vida Nova, 1991), p. 22, 23; Gary Land, "Carne Santa, Movimento da", em Denis Fortin e Jerry Moon (eds.), *Enciclopédia Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 735, 736; W. W. Whidden, "Restauracionismo", em Fortin e Moon, p. 1230, 1231.
- ² Jack Deere, *Surpreendido Pelo Poder do Espírito* (Rio de Janeiro: CPAD, 1995), p. 101-116.
- ³ Wayne Grudem, *O Dom de Profecia no Novo Testamento e Hoje* (Natal, RN: Carisma, 2017), p. 226-237; R. T. Kendall, *A União* (Belo Horizonte, MG: Betânia, 2005), p. 196-210.
- ⁴ Ellen G. White, *Reavivamento Verdadeiro* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 38-40.
- ⁵ Milton Torres, *Heterodoxia* (Artur Nogueira, SP: Paradigma, 2008), p. 118-127, 164-173.
- ⁶ R. A. Torrey, *Os Fundamentos* (São Paulo: Hagnos, 2005).
- ⁷ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 474.
- ⁸ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1895), v. 1, p. 21.
- ⁹ Herbert Douglass, *Profecias Surpreendentes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 157-188; Vanderlei Dorneles, *Cristãos em Busca do Êxtase* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 75-120.

FERNANDO DIAS

editor de livros na Casa Publicadora Brasileira



ANTÍDOTOS CONTRA O ESTRESSE

A saúde mental do pastor e a pandemia

Marlon Robinson

A maioria das pessoas concorda que a Covid-19 alterou drasticamente sua vida, redefinindo de muitas maneiras o que tem sido chamado de "novo normal". Até o momento, a doença ceifou a vida de milhões de pessoas, virou o mundo de cabeça para baixo e expôs os pastores a um novo tipo de esgotamento. Por causa da pandemia, todos nós experimentamos mudanças relacionadas ao trabalho, vida familiar, estabilidade econômica, relacionamentos e saúde.¹

Essa crise tirou os membros de seus locais habituais de adoração e alterou a *koinonia*, a comunhão dos crentes. Isso levou à adoção de cultos on-line, reuniões com número reduzido de pessoas e adoração em casa. De modo geral, os pastores não foram preparados para os desafios de administrar uma igreja virtual, quanto mais um distrito de igrejas virtuais!

Além disso, as mudanças na maneira pela qual os ministros prestam serviços religiosos aumentaram sua carga de trabalho, destruíram muitos dos limites que

tinham antes da pandemia e atrapalharam o descanso que geralmente experimentavam em casa, agora transformada em estação de trabalho primária.² Pastores que são inundados com e-mails, telefonemas, mensagens de texto e WhatsApp e contatos por meio de outras plataformas identificam-se com a pesquisa da Universidade Monmouth, de Nova Jersey, que indica que 55% da população em geral relatou níveis mais elevados de estresse.³

Bem-estar mental

A saúde mental é imprescindível durante a crise da Covid-19, não só porque é um fator para a qualidade de vida, mas também devido à noção de que “a doença mental foi

transtornos mentais. Como pastores, é vital compreender que a doença mental não discrimina com base em religião, idade, gênero, deficiência, cor, raça, nacionalidade, situação financeira, herança genética, ocupação, ideologia política, estado civil ou quaisquer outras categorias ou características. Em outras palavras, a doença mental não faz acepção de pessoas.

Dois pastores descreveram sua experiência na pandemia “como uma sensação de sobrecarga avassaladora” e tendo “novos níveis de irritação e estresse”.⁶ Um estudo realizado com 400 pastores nesse período apontou que eles estão preocupados com as finanças (26%), os desafios tecnológicos



Os pastores precisam reconhecer que, se não preservarem sua saúde mental, não terão força psicológica para cuidar adequadamente de outras pessoas.

chamada de a pandemia do século 21”.⁴ Por isso, prestamos um desserviço aos pastores se falarmos sobre saúde sem considerar a saúde mental. De fato, não pode haver verdadeira saúde sem ela. Portanto, como os pastores estão cuidando de sua saúde psicológica durante a atual pandemia?

De acordo com a Associação Norte-Americana de Psiquiatria, “os transtornos mentais geralmente estão associados a sofrimento significativo em atividades sociais ou ocupacionais, entre outras.”⁵ Os problemas provocados pela pandemia provavelmente produzirão sofrimento significativo, o precursor dos

(16%), em oferecer cuidado pastoral remoto (12%) e com a falta de acesso dos membros à tecnologia (11%).⁷

A crise atual torna os pastores ainda mais vulneráveis ao adoecimento por conta de eventos traumáticos decorrentes de suas situações pessoais e familiares, bem como de sua contínua exposição às informações lamentáveis compartilhadas pelos membros da igreja, necessitados de cuidado pastoral. Consequentemente, é de muita importância que os pastores implementem estratégias para cuidar de sua saúde mental durante esse período de ansiedade, medo e incerteza.

Cuidando da saúde mental

Como profissionais, os pastores precisam reconhecer que, se não preservarem sua saúde mental, não terão força psicológica para cuidar adequadamente de outras pessoas.⁸ Embora o impacto negativo da pandemia seja um tipo único de esgotamento ou estresse, existem oito estratégias que podem reduzir seus efeitos adversos e melhorar o bem-estar psicológico geral.

1. Mantenha o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. O fato de que os pastores “muitas vezes colocam as necessidades dos outros acima das suas”⁹ é um claro indicador de que eles precisam equilibrar trabalho e vida pessoal. Esse equilíbrio reduz os custos médicos,¹⁰ gera comprometimento,¹¹ aumenta a satisfação no trabalho¹² e melhora a produtividade,¹³ o que provavelmente reduzirá o nível de estresse dos pastores e melhorará seu bem-estar psicológico. Assim, as igrejas que investem em estratégias para apoiar o equilíbrio entre trabalho e vida pastoral beneficiam tanto o ministro quanto sua comunidade.

2. Gerencie o estresse e as crises de maneira eficaz. O gerenciamento adequado do estresse inclui capacidade de adaptação, admissão e busca de ajuda para resolver os problemas, ver as crises como desafios e oportunidades, abertura para mudanças e resiliência.¹⁴ Tratado de maneira correta, o estresse pode levar à felicidade, saúde, eficácia no trabalho e menos doenças mentais.¹⁵ Portanto, é fundamental que os pastores regulem seus níveis de estresse e administrem as crises com sucesso.

3. Tenha um amigo de ministério. Ter um amigo com quem o pastor possa falar abertamente e com segurança é extremamente importante para seu bem-estar mental. O apoio social de um colega de confiança é uma proteção contra os estressores do trabalho.¹⁶ Isso é muito importante para gerenciar o estresse, promover *brainstorming*, motivar o *feedback* construtivo e fomentar o apoio dos colegas.


4. *Seja grato.* A Bíblia nos incentiva a dar graças em todas as circunstâncias (1Ts 5:18). A gratidão está associada a melhor humor e sono, menos fadiga e mais autoteficácia,¹⁷ bem como melhor bem-estar mental, maior apoio social e enfrentamento adaptativo.¹⁸ Gratidão é essencialmente “uma emoção positiva benéfica para o funcionamento positivo, bem como para ampliar e construir outras emoções positivas que, por sua vez, resultam em um aumento no bem-estar emocional.”¹⁹

5. *Faça exercícios.* Um treino físico de 30 a 60 minutos serve como calmante e produz endorfinas, o hormônio da felicidade. Os pastores que se exercitam pelo menos três vezes por semana reduziram o risco de grande exaustão emocional em 25%.²⁰ Um estudo sobre exercícios e saúde mental descobriu que as pessoas que se exercitavam tiveram cerca de 1,5 dia a menos de problemas de saúde mental no mês anterior, em comparação com aqueles que não faziam exercícios.²¹ Claramente, a atividade física é fundamental para diminuir o estresse e promover a saúde mental dos pastores.

6. *Descanse.* Os adventistas entendem a importância de tirar um dia semanal de descanso, o sétimo dia. O pastor deve ter períodos de folga semanal e férias anuais para desestressar, reequilibrar, reorientar seu ministério e aprofundar a conexão com seu bem terreno mais importante, a família.

7. *Procure serviços de saúde mental.* Falar com um profissional de saúde mental é essencial para a saúde psicológica dos pastores. Se o sofrimento psicológico dos ministros interfere em suas relações pessoais, profissionais e sociais ou outras atividades importantes, eles provavelmente estejam atrasados para consultar um especialista. É imperativo observar que os serviços de saúde mental não são apenas para quem tem transtornos identificados, mas também para todos aqueles que precisam de ajuda para lidar com questões como transições de vida, luto e perda, preocupações

com os pais, objetivos pessoais e escolha ocupacional.

8. *Tenha esperança.* A esperança é definida como “a crença de que seu futuro pode ser melhor do que seu passado, e você desempenha um papel em fazê-lo”.²² Essa esperança está ligada ao bem-estar psicológico geral e à resiliência.²³ Ela amortece o estresse e a adversidade, mitiga os efeitos negativos do trauma e é o melhor promotor de uma vida bem vivida.²⁴ Os pastores podem encontrar esperança em Deus (Sl 71:5), em Sua Palavra (Sl 119:114), em Sua misericórdia (Sl 147:11) e, finalmente, na segunda vinda de Cristo (Tt 2:13). É essencial que os ministros compreendam que podem viver sem comida por três semanas, sem água por três dias e sem oxigênio por três minutos, mas não poderão viver um segundo sem esperança. Portanto, eu digo aos pastores: falem de esperança, andem na esperança, pensem na esperança, puguem a esperança e mergulhem na esperança! 

Referências

- David Burke, “Pastors Facing Additional Stress, Depression, Anxiety During Pandemic”. Disponível em <bit.ly/3bTjvBl>, acesso em 10/10/2020; Simon Dein et al., “COVID-19, Mental Health and Religion: An Agenda for Future Research”. Disponível em <bit.ly/3lsklYw>, acesso em 17/3/2021; Aaron Earls, “Pastors’ Views on How COVID-19 is Affecting Their Church”. Disponível em <bit.ly/3lpwTW6>, acesso em 17/3/2021; “Monmouth Poll: Covid-19 Impact Intensifies”. Disponível em <bit.ly/3cN3b9T>, acesso em 17/3/2021.
- Tess Schoonhoven, “Pastors Face Mental Health Challenges in COVID-19 Pandemic”. Disponível em <bit.ly/3bWecXd>, acesso em 17/3/2021; Burke, “Pastors Facing Additional Stress”.
- “Monmouth Poll: Covid-19 Impact Intensifies”.
- Andrea K. Witterborn et al., “Strengthening Clinical Research in Marriage and Family Therapy: Challenges and Multilevel Solutions”. Disponível em <bit.ly/38PM467>, acesso em 17/3/2021.
- American Psychiatric Association, *The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013), p. 20.
- Schoonhoven, “Mental Health Challenges”.
- Earls, “Pastors’ Views on How COVID-19 is Affecting Their Church”.
- Marlon Robinson, “In Pursuit of Self-Care: Health and Well-Being for the MFT”. *Family Therapy Magazine* 14, n. 4, julho de 2015, p. 25.

⁹ Crystal Mary Burnette, “Burnout Among Pastors in Local Church Ministry in Relation to Pastor, Congregation Member, and Church Organization Outcomes” (Tese de doutorado, Clemson University, 2016), p. 41.

¹⁰ Sunday Azagba e Mesbah Sharaf, “Psychosocial Working Conditions and the Utilization of Health Care Services”. Disponível em <bit.ly/2QbX3QF>, acesso em 17/3/2021.

¹¹ Azagba e Sharaf, “Psychosocial Working Conditions”.

¹² Michelle M. Arthur, “Share Price Reactions to Work-Family Human Resource Decisions: An Institutional Perspective”, *Academy of Management Journal* 46, n. 4, agosto de 2003, p. 497-505.

¹³ Mental Health America, “Work Life Balance”. Disponível em <bit.ly/3tuGZYH>, acesso em 12/7/2020; E. Jeffrey Hill et al., “Influences of the Virtual Office on Aspects of Work and Work/Life Balance”. Disponível em <bit.ly/3vwrEsB>, acesso em 17/3/2021.

¹⁴ Sylvia M. Asay e John DeFrain, “The International Family Strengths Model”. Disponível em <bit.ly/30VMV0F>, acesso em 17/3/2021.

¹⁵ Eluned Gold et al., “Mindfulness-Based Stress Reduction (MBSR) for Primary School Teachers”, *Journal of Child and Family Studies* 19, n. 2, abril de 2010, p. 184-189.

¹⁶ Burnette, “Burnout Among Pastors”.

¹⁷ Paul J. Mills et al., “The Role of Gratitude in Spiritual Well-Being in Asymptomatic Heart Failure Patients”, *Spiritual Clinical Practice* 2, n.1, março de 2015, p. 5-17.

¹⁸ Chih-Che Lin, “Impact of Gratitude on Resource Development and Emotional Well-Being”, *Social Behavior and Personality* 43, n.3, abril de 2015, p. 493-504.

¹⁹ Lin, “Impact of Gratitude”.

²⁰ Benjamin R. Doolittle, “The Impact of Behaviors Upon Burnout Among Parish-Based Clergy”, *Journal of Religion and Health* 49, n.1, março de 2010, p. 88-95.

²¹ Sammi R. Chekroud et al., “Association Between Physical Exercise and Mental Health in 1.2 Million Individuals in the USA Between 2011 and 2015: A Cross-Sectional Study”, *The Lancet Psychiatry* 5, n. 9, agosto de 2018, p. 739-746.

²² Casey Gwinn e Chan Hellman, “Dr. Seuss, Resilience, and the Science of HOPE”. Disponível em <bit.ly/3cHbd3T>, acesso em 17/3/2021.

²³ Ricky T. Munoz et al., “Adverse Childhood Experiences and Posttraumatic Stress as an Antecedent of Anxiety and Lower Hope”, *Traumatology* 24, n. 3, 2018, p. 209-218.

²⁴ Gwin, “Science of HOPE”.

MARLON ROBINSON

diretor de cuidados pastorais da AdventHealth Manchester, Estados Unidos



CENÁRIO DO FIM

Entre a interpretação apocalíptica e a especulação política

Jonatas Leal

A volta de Jesus é nossa bendita esperança (Tt 2:13). Ela não está só no nome denominacional, mas também no DNA da Igreja Adventista, e pode ser considerada “uma doutrina cardinal das Escrituras”.¹ Contudo, essa mesma esperança tem se tornado uma armadilha para aqueles que, na tentativa de estabelecer um provável cenário político e religioso para os eventos finais, acabam criando uma expectativa de tempo na forma de uma narrativa que a hora da volta de Jesus finalmente chegou. Embora não haja dúvida da boa intenção dos que estão tentando decifrar o exato cenário apocalíptico, essas especulações falham em lidar com a insistência bíblica de que Jesus virá na hora em que as pessoas não esperam. Além disso, eles acabam usando uma motivação equivocada para criar um reavivamento espiritual, levando o povo de Deus a focalizar o motivo errado. Na falha dessas expectativas, o resultado final é incredulidade, desânimo espiritual e, às vezes, opróbrio sobre a igreja.

Normalmente, eventos como a escolha de um novo papa, as eleições norte-americanas ou qualquer outro acontecimento que abala a dinâmica geopolítica mundial acabam potencializando o surgimento de novas especulações e narrativas em que os eventos finais se “encaixam”. Em nossos dias, as mídias sociais oferecem uma plataforma para a propagação dessas especulações.

A vez agora é de um presidente norte-americano católico que, aliado a um papa progressista, levará avante uma agenda mundial que busca resolver o problema do aquecimento global com o estabelecimento de um dia de conscientização semanal em nível global, nesse caso, o domingo. Junta-se a isso os novos mecanismos de controle criados durante uma pandemia mundial, e aí o cenário está pronto para a assinatura do decreto dominical. Embora eu deseje que essa hipótese esteja correta, quero apontar três razões pelas quais a criação desses cenários apocalípticos não é útil para a fé adventista.

Cenário equivocado

Ellen White afirma em *O Grande Conflito* que o decreto dominical de âmbito mundial terá sua origem na pressão popular e não em qualquer estratégia política da esquerda ou direita. Ela escreveu: “A corrupção política está destruindo o amor à justiça e a consideração para com



a verdade. E mesmo na livre América do Norte, governantes e legisladores, a fim de conseguir o apoio do público, cederão ao pedido popular de uma lei que imponha a observância do domingo”.² Além disso, “a fim de se fazerem populares e conquistarem a simpatia do povo, os legisladores hão de ceder ao desejo deste, de obter leis dominicais”.³

Vivendo nos Estados Unidos durante a era Trump, tive a oportunidade de ver de perto o nível de polarização política que criou abismos intransponíveis entre as pessoas.⁴ Somente uma crise de proporções apocalípticas será capaz de unir os lados do espectro para uma ação conjunta dessa magnitude. Deixando de lado a política norte-americana, imagine o que será necessário para unir muçulmanos, judeus e cristãos em torno de um dia comum de guarda! É improvável que qualquer aliança política seja capaz de fazer isso. Assim, a ideia de que a pressão popular será o fator-chave no estabelecimento de um decreto dominical é uma pista de que apenas eventos cataclísmicos que ponham em xeque a própria existência humana levarão a essa união.

Assim, fica evidente que a progressão dos eventos finais não é uma questão meramente política. Qualquer especulação que os faça depender de alianças governamentais ligadas a indivíduos ou ideologias partidárias está fadada ao fracasso. É bem provável que se Jesus não voltar antes do fim do governo Biden ou da morte do papa Francisco, outras narrativas serão criadas, alimentando novamente as massas sedentas por teorias que “revelam” o que acontecerá no futuro.

No fim, o catalizador dessas especulações é tão antigo quanto a curiosidade humana sobre o porvir. Cristo enfatizou que a profecia bíblica não foi dada para satisfazer nosso interesse pelo futuro, mas para que tenhamos confiança em Deus (ver Jo 13:19; 14:29). Expectativas fracassadas fazem exatamente o contrário. De fato, as palavras de Jesus implicam que “cumprimentos proféticos são melhor reconhecidos depois que eles acontecem, e não antes”.⁵ A história da interpretação apocalíptica deveria ser um alerta para nós, pois “vez após vez interpretações que faziam perfeito sentido em certo ponto no tempo provaram ser completamente equivocadas quando o verdadeiro tempo de cumprimento chegou”.⁶

Motivação errada

Outro efeito colateral indesejado da criação de cenários do tempo do fim é a promoção de um reavivamento com base no medo. Em meio à pandemia, é comum as pessoas dizerem: “Precisamos orar mais, pois o fim dos tempos chegou!” Concordo com a primeira parte da frase. De fato, precisamos orar mais. No entanto, o problema está na segunda parte. Se a pandemia terminar, ou for controlada nos próximos meses, é provável que a motivação para que oremos mais também acabe. Isso exemplifica, de modo formidável, o problema de ser motivado pelo medo. Quando o medo passa, a motivação se vai com ele. De fato, “há uma drástica disparidade entre essas duas entidades”.⁷ Em certo sentido, qualquer motivação por medo envolve certo egoísmo, pois, assim, agimos para nos livrar de algum tipo de perigo. Essa motivação é centralizada na sobrevivência do eu.

Ellen White provê insight valioso sobre isso. Ela escreveu: “A brevidade do tempo é apresentada com insistência como um incentivo para buscar a justiça e fazer Cristo o nosso amigo. Isso não deveria ser o grande motivo conosco; pois cheira egoísmo. Será necessário que os terrores do dia de Deus sejam mantidos diante de nós a fim de



compelir-nos à ação correta? Não deveria ser assim. Jesus é cativante. Ele é cheio de amor, misericórdia e compaixão. Ele quer ser nosso amigo, andar conosco por todos os caminhos difíceis da vida.”⁸

É apenas o amor de Cristo que deve nos motivar à ação (2Co 5:14). Esse amor é a única força positiva que nos impulsiona a agir.⁹ Quando agimos por causa de Cristo, nossa motivação espiritual não depende dos noticiários. Não são os movimentos políticos e ideológicos que devem pautar nosso reavivamento, mas a contemplação diária do caráter amoroso de Jesus. Quando contemplarmos o Mestre e seguirmos Seus passos, imitando-O em nossa vida e refletindo Seu amor para com a humanidade, o mundo será abalado, e haveremos de experimentar o poder do Espírito Santo para cumprir a missão (ver At 2).

Foco distorcido

Especulações apocalípticas tiram o foco das pessoas da missão que a igreja tem a cumprir. Antes de Sua ascensão, Cristo foi abordado pelos discípulos com a pergunta: “Será este o tempo em que o Senhor irá restaurar o reino a Israel?” (At 1:6). A resposta de Jesus é muito esclarecedora. Em primeiro lugar, Ele relembra que esse conhecimento não compete aos discípulos (v. 7). Em seguida, Ele redireciona os discípulos para o foco principal: a missão. Cristo disse que os discípulos seriam capacitados para cumprir a missão até os confins da terra (v. 8). Seu foco deveria ser a missão e não o tempo de Deus.

Por isso, “especular sobre tempos e datas é inútil. O retorno do Senhor não gira em torno dessa especulação, mas em torno dos propósitos de Deus, e esses propósitos abarcam a salvação do mundo. A rota mais segura para a *parousia* é a evangelização do mundo.”¹⁰ No fim, Deus não levantou Sua igreja para a manutenção de uma expectativa, mas para o cumprimento de uma missão: pregar o evangelho. Sendo que a missão é a “expressão da própria natureza da igreja”,¹¹ esse deve ser o nosso foco.

Tempo de prontidão

As observações acima não deveriam conduzir pessoas à complacência espiritual ou à ideia de que a urgência da volta de Jesus deve ser minimizada. Pelo contrário, em face da finitude de nossa existência e também de não sabermos quando será o fim do mundo, o senso iminente da volta de Cristo deve ser constante em nossa jornada espiritual. Quando essa urgência está conectada a movimentos políticos e “cenários apocalípticos”, ela é seriamente ameaçada. Devemos lembrar que os primeiros cristãos aguardavam com expectativa a volta de Jesus, e nós devemos seguir os seus passos (1Ts 4:15-17; 1Jo 2:18).

Os discípulos abordaram Jesus com a pergunta: “Diga-nos quando essas coisas vão acontecer e que sinal haverá da Sua vinda e do fim dos tempos?” (Mt 24:3). Eles queriam algo que os alertasse que o fim estava próximo. Cristo falou de coisas que deveriam acontecer antes do fim do mundo (v. 6-8), mas que ainda não seria o fim. Ele também mencionou que o fim não viria antes da pregação do evangelho a todo mundo (v. 14). Mas o único sinal que Ele realmente deu para os discípulos no monte das Oliveiras está no verso 30: “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.”¹² É como se Jesus dissesse que quando Ele realmente estivesse voltando, eles saberiam. Ele terminou Seu discurso com três parábolas: a dos servos fiel e infiel (v. 45-51); a das dez virgens (Mt 25:1-13) e a dos talentos (v. 14-30). Qual é o elemento comum em cada uma delas? A iminência da vinda do reino. Nesse sentido, as parábolas ilustram o ponto-chave do sermão profético: vigilância (Mt 24:42, 44).

Jesus frustrou a curiosidade dos discípulos sobre o tempo exato de Sua vinda. Especulações políticas e a busca de um possível cenário apocalíptico no sentido do que desencadeará a crise final são

manifestações da antiga curiosidade dos discípulos.¹³ Escutemos a admoestação de Cristo, deixando o tempo com Deus, e abracemos, com ardor, o que realmente está em nossas mãos: a preparação individual e a missão mundial. Lembremos do conselho de Paulo: “Já é hora de despertarem do sono, porque a nossa salvação está agora mais perto do que quando no princípio cremos” (Rm 13:11). **M**

Referências

- ¹ Raoul Dederen, *Handbook of Seventh-Day Adventist Theology*, electronic edition (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2001), v. 12, p. 893.
- ² Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 592.
- ³ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), v. 2, p. 150.
- ⁴ O fenômeno da polarização política na América do Norte tem sido explorado em publicações recentes. Por exemplo, James E. Campbell, *Polarized: Making Sense of a Divided America* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2016).
- ⁵ Jon Paulien, *The Deep Things of God* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004), p. 56.
- ⁶ Paulien, *The Deep Things of God*, p. 59.
- ⁷ Daniel L. Akin, 1, 2, 3 *John*, v. 38, *The New American Commentary* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2001), p. 186.
- ⁸ Ellen G. White, *Exaltai-O!* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), p. 99.
- ⁹ Ralph P. Martin, 2 *Corinthians*, Ralph P. Martin, Lynn Allan Losie, e Peter H. Davids (eds.), v. 40, *Word Biblical Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2014), p. 286.
- ¹⁰ John B. Polhill, *The New American Commentary* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1992), v. 26, p. 86.
- ¹¹ Gordon R. Doss, *Introduction to Adventist Mission* (Silver Springs, MD: Institute of World Mission/ General Conference of the Seventh-Day Adventists, 2018), p. 81.
- ¹² Craig Bloomberg, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992), v. 22, p. 362.
- ¹³ Jon Paulien, *The Deep Things of God*, p. 59.

JONATAS LEAL

professor de Teologia na Faculdade Adventista da Bahia



TATUAGEM

A Bíblia não diz muito sobre tatuagens. Em diferentes culturas, a tatuagem tem sido uma prática comum há muito tempo. Portanto, ao tratar sobre o tema, estamos falando de algo antigo que continua fazendo parte da experiência humana em muitos lugares. As tatuagens são geralmente entendidas como se referindo a desenhos, símbolos ou arte no corpo feitos com a inserção, por meio do uso de certos instrumentos, de tinta ou corantes sob a epiderme. Assim, a pele humana é usada como tela natural. Há também o que alguns chamam de tatuagem de cicatriz, o resultado de intencionalmente queimar ou ferir o corpo para criar algum tipo de marca ou padrão. Primeiro discutiremos o papel da tatuagem nos tempos bíblicos, depois o texto bíblico e, finalmente, faremos alguns comentários sobre a questão.

1

Tatuagem nos tempos bíblicos e hoje

Nos tempos bíblicos, as tatuagens indicavam status social. Por exemplo, um escravo poderia ser tatuado com o nome de seu dono ou do deus dele. Elas também podiam ter significado religioso; ou seja, o nome ou símbolo de uma divindade era tatuado na pessoa. Além disso, poderiam ser feitas como amuleto, por exemplo, para proteger a pessoa dos ataques de poderes malignos. Esses três usos são encontrados em quase todos os lugares do mundo antigo e em muitas regiões atualmente.

No mundo ocidental, as tatuagens eram tradicionalmente associadas a marinheiros, gangues e motociclistas, mas isso mudou. No caso das gangues, por exemplo, as tatuagens eram basicamente

expressões de rebelião e solidariedade entre seus integrantes.

Contudo, as tatuagens não mais estão restritas a certos grupos sociais marginalizados. O fato de celebridades do esporte e do cinema fazerem tatuagens tornou a prática popular. Estima-se que quase 25% dos norte-americanos sejam tatuados. Atualmente, elas são percebidas como um ato de autoexpressão, muitas vezes alusivo a um evento importante na vida da pessoa ou tendo algum outro significado simbólico ou espiritual. Curiosamente, um número crescente de evangélicos na América do Norte está usando tatuagens para expressar seu compromisso com Cristo. É importante considerar também que 25% das pessoas que têm tatuagens as removerão de seus corpos.

2

Tatuagem na Bíblia

A Bíblia diz pouco sobre tatuagens. O texto principal é Levítico 19:28, que faz parte de uma coleção de leis em que práticas pagãs relacionadas com os mortos são proibidas. O significado da palavra hebraica *qa'aqa* é incerto, mas com base no hebraico pós-bíblico é tradicionalmente traduzida como "tatuagem". Isso é confirmado pelo segundo substantivo, *ketobet* ("marca"), que tem como base o verbo "escrever". Portanto, trata-se de escrever algo no corpo. A frase é entendida como uma expressão idiomática que significa "uma tatuagem" ("Não coloque uma tatuagem em si mesmo"). Frequentemente, a tatuagem mencionada é interpretada como se referindo a uma expressão pagã de luto, mas isso não está claramente indicado no texto. E, pelo que posso dizer, os antigos rituais

de luto não incluíam a tatuagem. A proibição pode se referir à tatuagem religiosa.

3

Conselho

A passagem discutida acima não apoia a tatuagem. Nenhuma razão específica é dada para a proibição, exceto que Levítico 19 é um chamado à santidade. Portanto, a lei visa instruir o povo de Deus no caminho da santidade. A santidade se expressa não apenas no reino espiritual, mas *em* e *por meio* de nosso corpo, que é o templo do Espírito Santo. Somos chamados a glorificar a Deus com nosso corpo (1Co 6:19). Também podemos acrescentar que os seres humanos, criados à imagem de Deus, devem revelar essa imagem por meio do corpo e da maneira pela qual o trata.

Mutilações e tatuagens podem se enquadrar nessa categoria e ser vistas como danos à criação de Deus. Devemos também ter em mente que o corpo não é algo que possuímos, mas quem somos. É um presente do Senhor; pertence a Ele. Portanto, seria melhor para os cristãos não se tatuarem.

Mas deixe-me terminar com uma palavra de cautela. Não devemos julgar aqueles que, sem ter esse conhecimento, decidiram fazer uma tatuagem. Nossas igrejas devem estar abertas, dispostas e prontas para receber qualquer pessoa que deseje adorar conosco. O que precisamos é de compreensão cristã, não de condenação. **M**

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia



NO TRIBUNAL DIVINO

Contribuições do
Antigo Testamento
para a compreensão
de 1 Pedro 4:17

Eduardo Rueda

“Porque chegou o tempo de começar o juízo pela casa de Deus; e, se começa por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” (1Pe 4:17). Ao longo do tempo, essa declaração do apóstolo Pedro despertou o interesse e a curiosidade de vários pesquisadores das Sagradas Escrituras. Em particular, nos últimos 160 anos, intérpretes adventistas têm feito uso extensivo

dessa passagem como um texto-prova ao defender o juízo investigativo no contexto do santuário celestial. No entanto, essa afirmação muitas vezes é feita sem levar em conta o contexto do verso ou as influências que textos do Antigo Testamento exerceram na composição da passagem. Este artigo tem o objetivo de analisar o significado da afirmação de que o juízo começa “pela casa de Deus”, considerando seu contexto e suas conexões intrabíblicas com as passagens de Ezequiel 9:6 e Malaquias 2:17 a 3:5.

Considerações exegéticas

Em primeiro lugar, é preciso compreender a *natureza do juízo* mencionado por Pedro. Entre os estudiosos da passagem, parece haver uma ampla tendência de interpretar o texto a partir de uma perspectiva escatológica. Por exemplo, Paul Achtemeier entende que as palavras gregas *to krima* (“o juízo”) se referem ao julgamento final, do qual o sofrimento presente dos cristãos faz parte, sendo, na realidade, seu começo.¹ Paralelamente, John Barton e John Muddiman observam que a ênfase mais acentuada no tema do sofrimento percebido na perícopa de 1 Pedro 4:12 a 19 se deve, em parte, à clara interpretação escatológica do autor, que considerou as aflições dos cristãos como o primeiro estágio do julgamento final.²

Com relação à *ordem do juízo*, Achtemeier identifica precedentes na literatura judaica para a noção de que a atividade judicial divina começa com o povo de Deus. Como exemplo de passagens do Antigo Testamento em que isso ocorre, cita os textos de Ezequiel 9:6,



Jeremias 25:29; Isaias 10:11 e 12, e Malaquias 3:1 a 6.³ Em harmonia com essa ideia, John Hart enfatiza que o novo Israel, a igreja, tem a precedência, assim como o antigo Israel, inclusive no que diz respeito à condenação.⁴

Quanto ao *propósito do juízo*, os intérpretes identificam diferentes possibilidades. Alguns entendem que o julgamento está relacionado com o efeito purificador da perseguição e do sofrimento.⁵ Outros somam à função purificadora certo aspecto punitivo, que indica o início do juízo para todos os povos.⁶ Também há estudiosos que acreditam que as perseguições mencionadas por Pedro são permitidas por Deus como juízos disciplinares temporários, que são consequências naturais do pecado.⁷

No contexto dessa discussão, é preciso considerar o seguinte questionamento levantado por D. A. Carson: Visto que as aflições que os leitores de Pedro sofrem nas mãos de seus opressores são injustas, e o julgamento escatológico de Deus – retratado em textos correlatos do Antigo Testamento (Ez 9:5, 6; Zc 13:9 e Mt 3:1-3) – é justo, o apóstolo estaria afirmando que os destinatários de sua carta merecem a opressão a que são submetidos?⁸

Como resposta, Carson e outros autores destacam que a maneira pela qual Pedro alude aos textos de Ezequiel, Zacarias e Malaquias inverte o sentido primário dessas passagens.⁹ Assim, o apóstolo ecoa em sua declaração o ensino bíblico acerca do julgamento de Deus sobre Seu povo e o mundo, contido nas mensagens dos profetas Jeremias, Ezequiel e Amós.¹⁰ No entanto, sugere um forte contraste: Israel e Judá sofreram o julgamento divino por rejeitarem a mensagem do Senhor enviada por intermédio de Seus profetas; os cristãos do primeiro século, por outro lado, sofrem o juízo na condição de inocentes, por amor a Jesus. Dessa maneira, esse julgamento não tem caráter condenatório (como fica evidente pelo uso da palavra “julgamento” ao invés de “condenação”), mas de exoneração, no sentido de redenção.¹¹

No que diz respeito à *ocasião do juízo*, Ênio Mueller lembra que o termo utilizado por Pedro é *kairós*, que “indica o tempo numa perspectiva de momentos especiais ou críticos para determinada coisa”.¹² Segundo Russell Champlin, esse julgamento ocorrerá na *parousia* ou segundo advento de Cristo, mas é visto por Pedro como já tendo seu início na igreja de Deus, por meio da perseguição contra os fiéis.¹³

Finalmente, em relação às *fontes bíblicas* usadas por Pedro, Dennis Johnson argumenta que Malaquias 3:1 a 5 – que fala sobre a presença divina do fogo purificador – foi mais relevante para a composição de 1 Pedro 4:17 do que Ezequiel 9:6, defendido por William Schutter como o principal antecedente da declaração petrina.¹⁴ De acordo com Johnson, embora Ezequiel 9:6 possa ter influenciado 1 Pedro 4:17 linguística/textualmente, Malaquias 3:1 a 5 influenciou conceitual/teologicamente.¹⁵

Edmund Clowney concorda com Johnson e afirma que a perícopes de 1 Pedro 4:12 a 19 alude à profecia de Malaquias 3:1 a 3, desenvolvendo o tema da purificação do povo de Deus e da destruição dos maus.¹⁶ Para ele, a metáfora aplicada por Pedro aos seus leitores ao chamá-los de “casa espiritual” (1Pe 2:4, 5) se completa com a imagem da casa de Deus sendo purificada pelo fogo, extraída de Malaquias. De acordo com o autor, as provações enfrentadas pelos cristãos equivalem ao fogo refinador de Deus e antecipam a severidade da punição que será infligida aos desobedientes.

Especificamente quanto à interpretação adventista de 1 Pedro 4:17, as três obras mencionadas a seguir representam, de maneira geral, o modo pelo qual o texto tem sido interpretado por teólogos da denominação.

O *Comentário Bíblico Adventista* declara que a afirmação de que o julgamento começa com a casa de Deus é um eco de Ezequiel 9:6, e a expressão “casa de Deus” é entendida como referindo-se à igreja, com base no texto de 1 Timóteo 3:15.¹⁷

Por sua vez, a *Bíblia de Estudo Andrews* também considera a influência de Ezequiel

9:6 em 1 Pedro 4:17, mas reconhece algum eco de Malaquias 3:1 a 6 na afirmação apostólica. Assim, a relação entre as passagens de Ezequiel e 1 Pedro reflete o duplo aspecto do juízo divino. Por um lado, esse julgamento elimina os hipócritas, como fica evidente em Ezequiel 9; por outro lado, vindica e liberta o povo de Deus, como indica o contexto de 1 Pedro 4.¹⁸

Finalmente, o *Tratado de Teologia* cita 1 Pedro 4:17 três vezes, sempre no contexto do juízo investigativo. O verso é usado para substanciar a ideia de que Deus começa o julgamento por Seu povo e então prossegue para julgar os ímpios.¹⁹ Outras produções adventistas que mencionam o texto em questão geralmente o usam de maneira semelhante.

Nessas breves considerações exegéticas, foi possível observar que, na maioria dos casos, especialmente na literatura adventista, não se explora de modo suficientemente profundo as conexões entre 1 Pedro e os principais textos paralelos nem a estreita relação entre juízo e santuário/templo presente nas três passagens mais intimamente relacionadas: Ezequiel 9:6; Malaquias 2:17 a 3:5 e 1 Pedro 4:17.

Relação entre os textos de Ezequiel, Malaquias e Pedro

A leitura atenta das três passagens principais em estudo revela semelhanças significativas entre elas. Uma das correspondências mais óbvias é o santuário/templo como um local no qual Deus executa o julgamento. Essa relação entre a justiça divina e o santuário não é exclusiva desses autores bíblicos.

No início da história de Israel como nação organizada, a suprema corte funcionava no santuário, lugar em que os sacerdotes também desempenhavam funções judiciais (Dt 17:8; Êx 18). Esse sistema derivava da própria teocracia israelita, na qual “Deus era o Juiz supremo, não só de Seu povo, mas de toda a terra. Ele era o único que poderia devolver justiça, harmonia e integridade à sociedade e à terra”.²⁰

Em uma vez que o santuário era considerado o local de habitação de Yahweh (Êx 25:8), ocupando uma posição central no acampamento israelita (Nm 2:2), não é de se estranhar que o tabernáculo fosse o centro, não apenas religioso, mas também judicial da nação.

De maneira semelhante, a Bíblia apresenta o santuário celestial como o lugar em que o Senhor julga/avalia as ocorrências terrestres e de onde Ele dá Seus veredictos e realiza as devidas intervenções (Sl 11:4; 102:19, 20; Mq 1:2, 3). Elias Brasil de Souza lembra que “uma função proeminente do templo/santuário celestial é ser um local de julgamento. [...] O fato de que vários textos mencionam explicitamente o templo/santuário celestial (ou algum outro termo análogo) como o lugar a partir do qual YHWH faz julgamentos parece enfatizar a importância do santuário/templo como o *locus* das atividades de YHWH”.²¹

Neste ponto, também é importante lembrar o cerimonial do Dia da Expição, realizado anualmente com acesso ao lugar santíssimo e considerado tanto na Bíblia quanto na tradição judaica como um dia de decisão e purificação, com fortes conotações de julgamento (Lv 16:29, 30; 23:27, 29).²²

Todo esse quadro cultural e teológico constitui a urdidura que serve de pano de fundo para as cenas em Ezequiel 9 e Malaquias 3, bem como para a declaração em

1 Pedro 4:17. Um julgamento centralizado no santuário e que leva à purificação e separação entre pessoas piedosas e impenitentes está presente nas três passagens, retratado por meio de diferentes metáforas.

A ordem seguida no julgamento é outro ponto em comum entre os textos. O foco principal do processo judicial divino é sempre o povo de Deus – portador de faltas e necessitado de purificação –, seja por meio do extermínio de líderes e membros corruptos, da purificação da classe sacerdotal ou do sofrimento sob a opressão dos oponentes. Depois de julgar o povo escolhido, o julgamento é dirigido contra aqueles que representam a oposição ao reino de Deus, aqueles que não respeitam Sua aliança e desconsideram Suas mensagens de misericórdia e Seus chamados ao arrependimento.

Esse julgamento bidirecional ou bifásico é de natureza escatológica nas três passagens, pois é associado por meio de uma alusão ou referência direta ao conhecido “dia de Yahweh”, ocasião em que o Senhor intervirá na história humana para o extermínio do mal e vindicação definitiva do bem e de Seu caráter.²³ Além disso, fica claro o reaproveitamento da linguagem de Ezequiel e Malaquias na literatura apocalíptica neotestamentária (Ez 9//Ap 7; Ml 3:3//Ap 6:17), bem como a notável expectativa de Pedro a respeito do iminente “fim de todas as coisas” (1Pe 4:7; cf. 1:20; 4:5).

Portanto, podemos dizer que, em última análise, o juízo representado em Ezequiel, Malaquias e 1 Pedro está relacionado à *parousia*, embora não de forma direta em todas as passagens. Ainda que os julgamentos de Ezequiel 9 e Malaquias 3 se refiram a momentos específicos da história de Israel, não podemos negar que a amplitude de suas cenas e sua linguagem também atingem uma dimensão apocalíptica, servindo como um microcosmo de realidades maiores e de transcendência universal que se cumpririam no tempo do fim.²⁴

Embora possam existir outras relações textuais ou temáticas, as principais conexões intrabíblicas entre as passagens analisadas podem ser sintetizadas conforme a tabela abaixo.

Todos esses paralelos tornam evidente a forte dependência literária e teológica que a perícopes de 1 Pedro 4:12 a 19 mantém com o texto de Ezequiel 9:6 e seu contexto e de Malaquias 2:17 a 3:5. Além disso, apontam para o diálogo intraveterotestamentário entre a narrativa de Ezequiel e o oráculo de Malaquias.

Conclusão

Considerando a análise apresentada neste artigo é possível concluir que o juízo investigativo, como estamos acostumados a concebê-lo (no contexto de Daniel 7 e 8 e das 2300 tardes e manhãs), possivelmente não fizesse parte do repertório de Pedro. Sua noção de julgamento parece ter

Ezequiel 9:6 e contexto	Malaquias 2:17–3:5 e contexto	1 Pedro 4:17 e contexto
Santuário	Templo	Casa de Deus
Juízo divino (extermínio)	Juízo divino (fogo refinador)	Juízo divino (sofrimento)
Começa pelo santuário	Ocorre no templo	Começa pela casa de Deus
Afeta primeiro os líderes de Judá	Afeta primeiro os levitas	Afeta primeiro os cristãos
Afeta posteriormente os que não lamentam a corrupção nacional e não possuem o sinal na fronte	Afeta posteriormente os que quebram a aliança e os soberbos e perversos	Afeta posteriormente os que não obedecem ao evangelho
Purificação da nação por meio do extermínio dos ímpios	Purificação da classe sacerdotal por meio do fogo de fundidor	Purificação dos crentes por meio da perseguição, o “fogo da provação” (v. 12)

sido muito menos elaborada do que a que temos hoje, com o entendimento das profecias de Daniel, franqueadas para aqueles que vivem no tempo do fim (Dn 12:4).

Contudo, embora Pedro provavelmente não tivesse em mente a concepção que temos ao falar do julgamento de Deus, ele sintetizou e enunciou em uma única frase um princípio teológico que está presente em toda a Bíblia: que *o julgamento divino começa pelo povo de Deus*; e fez isso apropriando-se da linguagem e das imagens presentes em duas das principais passagens que apresentam esse princípio em ação: Ezequiel 9:6 e Malaquias 2:17 a 3:5, aplicando-as a um cenário específico, a hostilidade sofrida pelos cristãos. O propósito do apóstolo parece ter sido confortar seus leitores com a ideia de que o sofrimento que enfrentavam não era apenas um crisol para purificá-los (1Pe 1:6, 7; 4:12), mas também um sinal do iminente juízo divino e de que os ímpios opressores certamente receberiam a severa e devida punição (4:17, 18).

É interessante também que ambas as passagens utilizadas por Pedro como pano de fundo para suas afirmações apresentem fortes indícios de que os julgamentos nelas mencionados são de natureza investigativa, visto que apresentam o Senhor Se aproximando de Seu povo em um processo de verificação das obras, com a subsequente emissão de um veredito que distingue os justos e os ímpios. Da mesma forma, ambos os textos revelam vínculos muito estreitos com o cerimonial do Dia da Expição, considerado o antítipo do juízo celestial pré-advento.

Dessa forma, não seria justo alegar que os adventistas distorcem o significado de 1 Pedro 4:17 a fim de favorecer a doutrina do juízo investigativo, pois, de fato, como pode ser inferido de um estudo detalhado de Daniel 7 e 8 e outras passagens, o julgamento pré-advento parece concentrar-se no povo de Deus, especialmente com o objetivo de vindicação (cf. Dn 7:22). Além disso, as fontes utilizadas por Pedro realmente apresentam

o julgamento de uma perspectiva escatológica e investigativa.

No entanto, o erro de muitos adventistas (bem-intencionados, aliás) em relação ao uso de 1 Pedro 4:17 está em sua ênfase nesse texto bíblico como “prova” de que o juízo investigativo começa pelo povo de Deus. Uma vez que o juízo pré-advento nos moldes como entendemos não parece ser exatamente o que Pedro tinha em mente quando escreveu sua carta – embora sua declaração tenha um teor inegavelmente escatológico, e suas fontes retratem julgamentos investigativos – é um tanto difícil colocar tamanho peso de evidência nessa passagem, como se toda a doutrina do juízo investigativo dependesse de um único verso.

Talvez a postura mais apropriada seja reconhecer que Pedro está declarando ou reproduzindo um princípio consistentemente evidenciado em todas as Escrituras e que pode muito bem ser aplicado ao juízo investigativo. Da mesma forma, seria interessante explicar que as fontes aludidas pelo apóstolo apresentam julgamentos de natureza investigativa que ilustram o juízo realizado no Céu antes da vinda de Jesus e indicar, ao mesmo tempo, outros textos que confirmam o princípio de que o julgamento começa pelo povo de Deus. **IV**

Referências

¹ Paul J. Achtemeier, *1 Peter: A Commentary on First Peter* (Mineápolis, MN: Fortress Press, 1996), p. 315.

² John Barton e John Muddiman (eds.), *Oxford Bible Commentary* (Nova York: Oxford University Press, 2001, Biblioteca Digital Libronix).

³ Achtemeier, p. 315.

⁴ John Henry A. Hart, “The first epistle general of Peter”, em W. Robertson Nicoll (ed.), *The Expositor's Greek Testament: Commentary* (Nova York: George H. Doran Company), v. 5, p. 75.

⁵ Allen Black e Mark Black, *1 & 2 Peter*. The College Press NIV Commentary (Joplin, MO: College Press, 1998, Logos Bible Software); Craig S. Keener, *The IVP Bible Background Commentary: New Testament* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2014), p. 696.

⁶ Erlend Waltner e J. Daryl Charles, *1-2 Peter, Jude*. Believers Church Bible Commentary (Scottsdale, PA: Herald Press, 1999), p. 141.

⁷ John Walvoord e Roy B. Zuck, *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), v. 2, p. 855.

⁸ D. A. Carson, “1 Pedro”, em G. K. Beale e D. A. Carson (eds.), *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2014), p. 1275.

⁹ D. A. Carson, “1 Pedro”; Karen H. Jobes, *1 Peter*. Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005), p. 292.

¹⁰ Simon J. Kistemaker e William Hendriksen, *Peter and Jude*. New Testament Commentary (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987), p. 180.

¹¹ Kistemaker e Hendriksen, p. 180.

¹² Ênio Mueller, *1 Pedro: Introdução e Comentário* (São Paulo: Mundo Cristão, 1988), p. 250.

¹³ R. N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* (São Paulo: Hagnos, 2002), v. 6, p. 161.

¹⁴ William L. Schutter, “Ezekiel 9:6, 1 Peter 4:17, and apocalyptic hermeneutics”, *Society of Biblical Literature Seminar Papers*, n. 26, 1987, p. 276-284.

¹⁵ Dennis E. Johnson, “Fire in God's House: Imagery from Malachi 3 in Peter's theology of suffering (1Pe 4:12-19)”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 36, n. 1, 1993, p. 285-294.

¹⁶ Edmund P. Clowney, *The Message of 1 Peter: The Way of the Cross*. (Leicester: InterVarsity Press, 1988), p. 194.

¹⁷ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 7, p. 638.

¹⁸ *Bíblia de Estudo Andrews* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 1622.

¹⁹ Raoul Dederen, *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 729, 931, 937.

²⁰ Ángel Manuel Rodríguez, “La justicia bíblica”. *Adventist World*, outubro de 2012, p. 26.

²¹ Elias Brasil de Souza, *O Santuário Celestial no Antigo Testamento* (Santo André, SP: Academia Cristã, 2014), p. 425, 426.

²² Don Neufeld (ed.), “Dia do Senhor”, em *Dicionário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 357, 358; Neufeld, *Dicionário Bíblico Adventista*, “Dia da Expição”, p. 482, 483; *The Jewish Encyclopedia* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1902), v. 2, p. 286.

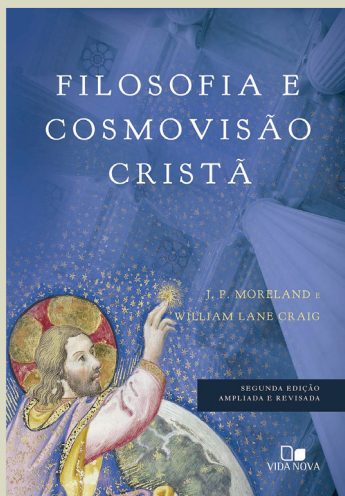
²³ Neufeld, *Dicionário Bíblico Adventista*, “Dia do Senhor”, p. 357, 358.

²⁴ William Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation* (Washington, DC: Review and Herald, 1982), p. 15.

EDUARDO RUEDA

coordenador editorial na Casa Publicadora Brasileira



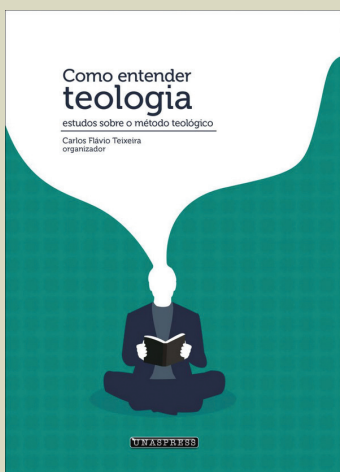


Filosofia e Cosmologia Cristã

J. P. Moreland e William Lane Craig, Vida Nova, 2021, 1024 p.

Filosofia pode ser um assunto intimidador; no entanto, em *Filosofia e Cosmologia Cristã*, J. P. Moreland e William Lane Craig oferecem um guia detalhado e abrangente para as áreas de epistemologia, metafísica, ética, filosofia da ciência e filosofia da religião. Todo o trabalho deles é feito com clareza e sem desconsiderar teorias rivais, as quais são apresentadas com justiça e precisão.

Segundo os autores, a filosofia reflete nossa identidade como seres criados à imagem de Deus, mostra como aplicar o ensino bíblico a áreas não tratadas de modo específico nas Escrituras, facilita a disciplina espiritual do estudo, reforça a ousadia e a autoimagem da comunidade cristã e ajuda a integrar fé e aprendizado. *Filosofia e Cosmologia Cristã* é uma introdução abrangente e atualizada para todos os que desejam explorar a arquitetura filosófica da realidade.



Como entender Teologia: Estudos sobre o método teológico

Carlos Flávio Teixeira (org.), Unaspress, 2020, 400 p.

Por que há tantas igrejas e crenças divergentes se a Bíblia é uma só? E o que leva teólogos a chegar a conclusões às vezes muito diferentes até quando estudam um mesmo objeto? A resposta a essas questões passa, em grande medida, pela forma como eles interpretam as Escrituras ou, antes, o método utilizado para a pesquisa bíblica.

Como entender Teologia é uma obra que apresenta ao leitor profundas reflexões sobre a hermenêutica bíblica. Ao longo de nove capítulos, os autores abordam assuntos que têm sido cruciais para os rumos da interpretação bíblica no decorrer da história e, de maneira especial, na atualidade. Uma obra que já nasce essencial para todos que levam a sério o estudo da Palavra de Deus.



Igreja Viva: Cinco princípios para mobilizar sua comunidade

S. Joseph Kidder, CPB, 2021, 160 p.

Se sua igreja desaparecesse, os vizinhos sentiriam falta dela? Entre os membros da igreja de uma determinada região do mundo que ouviram essa pergunta, 75% responderam: “Eles nem sabem que estamos aqui.” É isso que acontece quando as pessoas enxergam o evangelismo como algo que somente pastores e obreiros bíblicos fazem. A igreja só começa a prosperar quando cremos que a missão é um estilo de vida.

Igreja Viva foi escrito para encorajar e capacitar membros e líderes a colocar em prática com êxito a visão e a missão de Cristo em sua comunidade local. Pelo poder do Espírito, pessoas comuns podem fazer coisas extraordinárias para Deus.

O autor, S. Joseph Kidder atua no ministério pastoral há mais de 30 anos. Atualmente, é professor do Seminário Teológico da Universidade Andrews.

Reimaginando los bandidos crucificados con Jesús

Carlos Olivares – *DavarLogos*, v. XVIII, n. 1, 2019, p. 1-38

(<https://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/881>)

Os evangelhos sinópticos e João indicam que Jesus foi crucificado entre dois bandidos. O evangelho de Lucas, por sua vez, expande a história e conta como um deles se arrependeu, enquanto o outro foi condenado.

O propósito deste artigo é expor concisamente como a vida desses dois criminosos foi reinventada ao longo dos anos. As fontes examinadas estão agrupadas em três seções: (a) manuscritos do Novo Testamento, (b) apócrifos do Novo Testamento e (c) documentos não canônicos do Novo Testamento. O estudo descreve o desenvolvimento da história desses dois homens, observando as semelhanças e contradições existentes entre as fontes estudadas.



Death and Ancestors in Contemporary Judaism

Reinaldo Siqueira – *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 16, n. 1, 2020, p. 29-54

(<https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol16/iss1/4>)

Este artigo examina brevemente as principais crenças judaicas sobre a morte e a alma, a fim de fornecer uma base para os diferentes entendimentos judaicos a respeito dessas duas ideias. A seguir, expõe um resumo das principais práticas cúlticas e mortuárias judaicas que estão diretamente relacionadas a essas crenças variantes. Finalmente, apresenta as oportunidades e os desafios que as crenças e práticas judaicas representam para a missão adventista, oferece algumas sugestões sobre como lidar com elas e aponta algumas áreas que precisam ser melhor aproveitadas com o objetivo de encontrar maneiras de aperfeiçoar a eficácia de nossa missão entre os judeus.



El Diezmo en la Legislación Deuteronomica

Gabriel Alzate Atuesta – *Evangelio*, v. 13, 2020, p. 29-58

Este artigo analisa a prática do dízimo dentro da legislação deuteronomica, tanto em sua forma pontual anual, quanto em sua forma extensiva trienal. O estudo está dividido em três blocos: o primeiro fala sobre o local central para onde o dízimo era levado, isto é, o santuário; o segundo apresenta a codificação apodídica em relação ao dízimo; e o terceiro explica o “dízimo extensivo” e sua teleologia caridosa para os mais necessitados no tempo de Israel. Uma análise abrangente e detalhada também é realizada no texto hebraico, junto com suas relações e implicações linguísticas, a fim de obter o significado correto das várias passagens analisadas.



“

*Procura conhecer o estado das tuas ovelhas;
põe o teu coração sobre os teus rebanhos.*

PROVÉRBIOS 27:23

”



MKT CPB | Imagens: Daniel de Oliveira

SERVINDO

• EM MEIO À CRISE •

Quem é o ancião para a Igreja? Ele é um líder e referência espiritual. É um exemplo de compromisso com Deus em casa e em sua comunidade. Está sempre disposto a atender às necessidades dos que dele precisam.

O ancião é o reflexo do amor de Deus.



19 DE JUNHO
DIA DO ANCIÃO

CORPO EM RECUPERAÇÃO

Se considerarmos a definição clássica de que igreja significa “aqueles que são chamados a sair”, isso implica que os cristãos deixam o mundo (território dominado por Satanás) e passam a pertencer a essa comunidade chamada igreja. Por isso, desde o início, a salvação foi descrita como a passagem de uma comunidade à outra: “E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar” (At 2:47, ARC).

Como se o conceito de comunidade não bastasse para dar a ideia dos laços que unem os cristãos, o Novo Testamento usa várias imagens para enfatizar que se trata de uma comunidade *orgânica*; isto é, unida por laços tão próximos quanto os que unem os vários membros de um corpo: “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, constituem um só corpo, assim também é com respeito a Cristo” (1Co 12:12). Além disso, essa imagem também destaca que o corpo é a soma de suas partes: “O certo é que há muitos membros, mas um só corpo” (v. 20).

Contudo, gostaria de destacar o que Paulo escreveu nos versos 14 a 16: “Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: ‘Porque não sou mão, não sou do corpo’, nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: ‘Porque não sou olho, não sou do corpo’, nem por isso deixa de ser do corpo.” Nesses versículos, o apóstolo salienta a responsabilidade que cabe a cada membro de constituir a comunidade, pois ninguém pode dizer “não faço parte do corpo”, seja qual for o motivo. Ser salvo significa pertencer à “comunidade” formada por aqueles que foram chamados a deixar o mundo e agora fazem parte do corpo de Cristo. Nesse sentido, cada membro contribui para o funcionamento de uma comunidade orgânica que se reúne com objetivos diversos: louvar juntos, apoiar-se mutuamente e

Temos o desafio de fazer a irmandade perceber a necessidade de se reconstituir como comunidade com laços orgânicos.

cumprir a missão de pregar o evangelho; entre os mais importantes.

No contexto da pandemia, o isolamento não só provocou um distanciamento físico que, por si só, ameaça romper os laços que unem os membros do corpo de Cristo, como também levou muitos desses membros a desconsiderar sua responsabilidade na formação da comunidade, em fazer o corpo funcionar. É uma tentação muito forte promover uma nova religião à *la carte*, em que os membros escolhem como se alimentar espiritualmente por meio das mídias sociais, no conforto de sua casa.

Por isso, o pastor tem o desafio de fazer a irmandade perceber a necessidade de se reconstituir como comunidade com laços orgânicos. Cada membro individual deve sentir novamente sua responsabilidade como membro integrante do corpo de Cristo, com um papel específico no contexto da comunidade da igreja e no cumprimento corporativo da missão. Embora seja algo trabalhoso, a boa notícia é que não estamos sozinhos nem se trata de uma tarefa meramente humana. A união orgânica é obra do Espírito Santo, pois “todos nós fomos batizados em um só corpo pelo único Espírito, e todos recebemos o privilégio de beber do mesmo Espírito” (v. 13, NVT).

Coragem, pastor! Com a motivação correta e, sobretudo, com a força do Espírito Santo, podemos mais uma vez ser um corpo plenamente funcional nestes últimos dias, em que temos uma missão especial como igreja. **IV**



MARCOS BLANCO
editor da revista *Ministério*,
edição em espanhol



MKT CPB | Imagem: Danita de Oliveira

LOJA DA FÁBRICA – TATUÍ, SP

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB

AMAZONAS
MANAUS
SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

BAHIA
CACHOEIRA
FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

BAHIA
SALVADOR
NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

CEARÁ
FORTALEZA
CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA
ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

GOIÁS
GOIÂNIA
SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE
CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463 / (67) 98129-0874

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE
CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

PARÁ
BELÉM
MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130 / (91) 98259-0002

PARANÁ
CURITIBA
CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

PERNAMBUCO
RECIFE
SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO
TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375 / (21) 96554-0007

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO
UNASP/EC
Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398 | (19) 98165-0008

SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA
PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ
CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

SÃO PAULO
SÃO PAULO
MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010

SÃO PAULO
SÃO PAULO
PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

SÃO PAULO
SÃO PAULO
VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

SÃO PAULO
TATUÍ
LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:

Superbem

